

Caio César Costa Ribeiro Mira

**O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise
das interações do Centro de Convivência de Afásicos.**

**Campinas
2007**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

M67c	Mira, Caio César Costa Ribeiro. O CCA como uma comunidade de práticas : uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos / Caio César Costa Ribeiro Mira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Anna Christina Bentes da Silva. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Afasia. 2. Interação. 3. Sociolingüística. 4. Comunidades de prática. 5. Comunidades de fala. I. Silva, Anna Christina Bentes da. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título. oe/iel
------	---

Título em inglês: CCA as a community of practices: an analysis of the interactions at the Aphasic Social Centre.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Aphasia; Interaction; Sociolinguistic; Community of practices; Speech community.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora), Profa Dra. Edwiges Maria Morato e Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira Aquino.

Data da defesa: 03/08/2007.

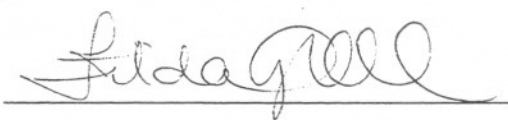
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

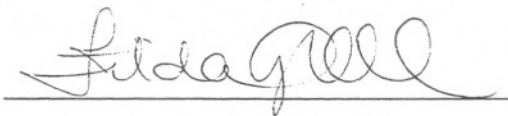
Anna Christina Bentes da Silva



Edwiges Maria Morato



Zilda Gaspar Oliveira de Aquino



Maria Lúcia Victorio de Oliveira Andrade



Inês Signorini

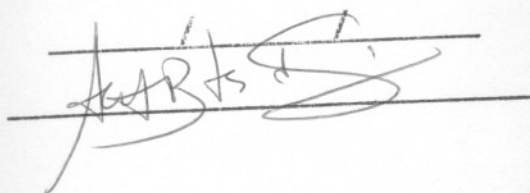


Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

IEL

UNICAMP

2007/Agosto



200752144

*À Aparecida Costa e à Tânia Costa
Ribeiro por terem me ensinado
acreditar nas coisas que pareciam ser
impossíveis.*

Agradecimentos

À Profa *Anna Christina*, pela orientação, paciência e apoio desde o início.

À Profa *Edwiges Morato*, por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa e pelas valiosas sugestões durante a elaboração desta dissertação.

À *Banca Examinadora*, pelo aceite em ler e discutir esta dissertação e à Profa *Zilda Aquino* pela preciosa leitura no exame de qualificação.

À *Eliana Tavares*, por muitas vezes ter sido presente nos momentos cruciais e pela forte amizade.

À *Vilma Moreira*, pelo apoio nos momentos iniciais da minha ausência em casa.

À Profa *Marília Rodrigues*, por ter me mostrado, pela primeira vez, os caminhos da linguagem.

À *Silmara Ferreira* e *Tárcia Saad*, pela amizade desde os tempos de Franca.

Aos amigos que conheci aqui, e com quem compartilhei esta etapa da minha vida: *Lucas Lima*, *Íria Reisdorfer*, *Antônia Pereira*, *Renato Cabral*, *Vivian Rio*, *Eloísa Dalbem* e *André Checchia*,

À *Valeria Aguillar* por ter me ajudado a compreender e superar alguns momentos caóticos.

À *toda equipe* do *Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação”*, especialmente à *Marta Moraes* pela ajuda nos trâmites técnicos da seleção dos dados.

À *Capes* pela bolsa de estudos concedida.

Aos *meus familiares*, pelo apoio.

Ao *Ruither*, por ter sido tão significativo em minha vida

"De tudo, restaram apenas três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte e da procura um encontro".

Fernando Sabino – O encontro marcado.

O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos.

Sumário

Resumo	09
Abstract	11
Apresentação	13
1. A questão chave da Sociolingüística: a relação entre linguagem e sociedade.	
<i>Introdução</i>	<i>17</i>
<i>1.1 O Modelo Laboviano</i>	<i>18</i>
<i>1.2 A Sociolingüística Interacional</i>	<i>20</i>
<i>1.2.1 Falar é interagir</i>	<i>23</i>
<i>1.3 Dois conceitos fundamentais para a compreensão das relações entre linguagem e sociedade</i>	
<i>1.3.1 Comunidade de fala</i>	<i>27</i>
<i>1.3.2 Comunidade de práticas</i>	<i>32</i>
<i>1.3.2.1 Engajamento mútuo</i>	<i>34</i>
<i>1.3.2.2 Empreendimento comum</i>	<i>36</i>
<i>1.3.2.3 Recursos Compartilhados</i>	<i>37</i>

<i>1.4 Os contrastes entre os conceitos de comunidade de fala e comunidade de práticas</i>	<i>39</i>
--	-----------

<i>1.5 Objetivos e justificativas</i>	<i>41</i>
---------------------------------------	-----------

2. O Centro de Convivência de Afásicos

<i>2.1 Descrição do CCA</i>	<i>43</i>
-----------------------------	-----------

2.2 Os integrantes do CCA

<i>2.2.1. Os sujeitos afásicos que freqüentam o CCA</i>	<i>46</i>
---	-----------

<i>2.2.2 Os sujeitos não-afásicos que freqüentam o CCA</i>	<i>54</i>
--	-----------

<i>2.2.3 O CCA visto pelos afásicos e pelos pesquisadores</i>	<i>56</i>
---	-----------

<i>2.3 As atividades do CCA</i>	<i>59</i>
---------------------------------	-----------

<i>2.4 Descrição do corpus e procedimentos metodológicos</i>	<i>62</i>
--	-----------

3. O CCA como uma comunidade de práticas	65
---	-----------

4. Considerações Finais	93
--------------------------------	-----------

5. Referências Bibliográficas	101
--------------------------------------	------------

6. Anexo	107
-----------------	------------

Resumo

As práticas interativas do Centro de Convivência dos Afásicos, (doravante, CCA) constituem um *locus* bastante interessante para análise da relação entre linguagem, cognição e vida social. O CCA, que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar em encontros semanais, rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não verbais) e diversas práticas de linguagem, que mobilizam recursos pragmáticos, textuais e discursivos.

Diante deste cenário, este trabalho procura analisar e descrever as práticas de linguagem do CCA segundo as propriedades do conceito de comunidade de práticas (Wenger, 1998), a saber: i) o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); ii) o empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado *a priori*, mas a um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); iii) o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido social.

Para tal tarefa, iremos pontuar os contrastes do conceito de comunidade de práticas em relação a um conceito metodológico amplamente difundido na literatura sociolingüística: o conceito de comunidade de fala. Pretendemos a partir da análise de fragmentos de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, salientar o ganho que o conceito de comunidade de práticas agrega para análise das interações no campo da Sociolingüística e os desdobramentos da

caracterização do CCA como uma comunidade de práticas para algumas questões específicas do campo da Neurolingüística.

Abstract

The interactive practices of the Aphasic Social Centre (henceforth, CCA), constitute a matter, which is rather interesting for the analysis of the relation among language, cognition and social life. CCA, which is in the Institute of Language Studies at UNICAMP, is an area of interaction between aphasic and non-aphasic people, which aims to, methodologically, evoke in weekly meetings, significant routines of life in society, which involves several signification processes (verbal and non-verbal) as well as many language practices, that mobilize pragmatic, textual and speech resources.

Throughout this view, this work aims to analyze and describe the CCA language practices according to the community of practice concept properties (Wenger, 1998), hereafter: i) the mutual engagement (which is about a regular, routine interaction); ii) the joined enterprise (which is not about a shared aim in the beginning, but to a negotiated enterprise that involves complex relations of mutual adjustments and deals); iii) the joined resource shared report for the negotiation of the social view.

For such task, we will mention the contrasts of the community of practice concept related to a methodological concept which is widely spread in the sociolinguistic literature; the concept of speech community. We intend, through an analysis of the fragments of interaction between aphasic and non-aphasic subjects, emphasize the gain that the community of practice concept aggregates for the analysis of interactions in the field of Sociolinguistic and the expanding of CCA

characterization as a community of practices for some specific questions in the field of Neurolinguistic.

Apresentação

As práticas interativas do Centro de Convivência dos Afásicos¹, (doravante, CCA) constituem um *locus* bastante interessante para análise da relação entre linguagem, cognição e vida social. O CCA, que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar em encontros semanais rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não verbais) e diversas práticas de linguagem que mobilizam recursos pragmáticos, textuais e discursivos.

O Centro foi criado num esforço conjunto do Departamento de Lingüística e do Departamento de Neurologia ao final da década de 1980 com o intuito de desmedicalizar o entendimento das afasias, de abrir possibilidades de estudos neurolingüísticos num contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de estabelecer um espaço de reflexão em torno dos impactos psico-sociais da afasia. Disso resulta que o objetivo do CCA tem sido menos a normalização de formas lingüísticas e mais a emergência dos atos de linguagem e de práticas discursivas que visam à significação e à comunicação.

As diferentes atividades desenvolvidas nas duas frentes de trabalho desenvolvidas no CCA (Linguagem e Expressão Teatral) exploram lingüístico-

¹ As afasias, *grosso modo*, são seqüelas na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como acidente vascular cerebral (AVC), traumatismos crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que estas seqüelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem. As afasias afetam a linguagem em seus vários níveis: fono-articulatórios, a dificuldade de articular e produzir sons; no nível sintático, a capacidade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente” aceitas, como por exemplo a “fala telegráfica” em que há ausência dos elementos conectivos; no nível lexical dificuldade de acesso às palavras, além de dificuldades de produção e interpretação do sentido nos enunciados. C.f. Morato *et al*, 2002a.

cognitivamente distintas práticas realizadas pelos sujeitos afásicos cotidianamente, como a conversação e a discussão em grupo sobre temas diversos, com base na partilha de experiências e conhecimentos; a participação conjunta em eventos cotidianos, sociais (cinema, teatro, exposição, palestra, sarau, pic-nic, visita, *etc.*); a leitura e o acompanhamento do noticiário local, nacional e internacional via mídia impressa e virtual; os exercícios de expressão teatral e improvisação de jogos cênicos, *etc* (Morato, *et al.*, 2002a).

As práticas e/ou atividades ali desenvolvidas, – diferenciadas, inter-semióticas, colaborativas – convocam e exibem dos sujeitos, afásicos e não afásicos, diferentes processos de significação (lingüísticos, pragmáticos, argumentativos, textuais, discursivos, semióticos) em jogo nas inúmeras ações humanas. Nesta dinâmica, os sujeitos afásicos, em conjunto com seus interlocutores não afásicos, mobilizam para a constituição do sentido diversos recursos: enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais), cognitivos (mnêmicos, perceptivos, inferenciais) para se posicionar em relação ao mundo, aos outros, a si mesmos, variar de perspectivas e proceder a ajustes intersubjetivos (Morato, *et al.*, 2002a).

Diante deste cenário, este trabalho procura analisar e descrever as práticas de linguagem do CCA segundo as propriedades do conceito de comunidade de práticas (Wenger, 1998), a saber: i) o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); ii) o empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado *a priori*, mas a um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); iii) o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido social.

Como objetivos específicos, pretendemos: (i) elaborar uma comparação inicial entre os conceitos de comunidade de fala e comunidade de práticas a fim de verificar a viabilidade teórico-metológica do conceito de comunidade de práticas para as análises de interações; (ii) analisar as atividades do Programa de Linguagem com base no conceito de comunidade de práticas a partir das estruturas interativas que moldam as práticas lingüísticas e sociais que ocorrem semanalmente no CCA .

A importância da descrição do CCA como uma comunidade de práticas concentra-se no fato de colocar em foco a noção de prática para a compreensão da atividade lingüística e do comportamento social em grupo. Esta descrição, na realidade, permite um tipo de análise do fenômeno lingüístico que privilegia não as ocorrências lingüísticas isoladas, mas sim o seu funcionamento nas práticas sociais e cotidianas, questão tão cara aos estudos mais recentes de cunho interacional do campo da Sociolingüística.

No Capítulo I, discutiremos o postulado que sustenta o campo de estudos da Sociolingüística: a relação entre linguagem e sociedade. Para demonstrar a forma pela qual esta relação é abordada, procederemos a uma breve exposição teórica dos estudos varicionistas, representados, sobretudo, pelos trabalhos pioneiros de William Labov, e dos estudos interacionistas, ligados ao campo da etnografia da comunicação e da sociolingüística interacional que reúne autores como Dell Hymes, John Gumperz e Erving Goffman. Ainda neste capítulo, discorreremos sobre dois conceitos sociolingüísticos utilizados para a compreensão da relação entre linguagem e sociedade: comunidade de fala e comunidade de práticas. Apresentaremos a concepção do conceito de comunidade de fala nas vertentes variacionista e interacional, e a fundamentação teórica do conceito de comunidade de práticas. Para finalizar este Capítulo, destacamos os principais contrastes entre os conceitos de comunidade de fala e de comunidade de práticas e apresentamos nossos objetivos com esta dissertação.

O Capítulo II é dedicado à descrição detalhada do CCA. Nesta descrição, contemplaremos os objetivos e os princípios teórico-metodológicos que fundamentam a existência do Centro, assim como também a sua singularidade frente às abordagens clínico-terapêuticas existentes no campo das afasias. Posteriormente, procederemos à descrição das atividades que ocorrem semanalmente no CCA: o Programa de Linguagem e o Programa de Expressão Teatral. Apresentaremos, também, um breve perfil (neurológico, social e interativo) dos sujeitos afásicos que freqüentam o CCA, e um breve histórico profissional e interativo dos sujeitos não-afásicos, os pesquisadores que desenvolvem seus

trabalhos na área de Neurolingüística no Instituto de Estudos da Linguagem. Para finalizar este Capítulo, traremos a descrição do *corpus* desta dissertação e os procedimentos metodológicos adotados.

No Capítulo III, procederemos à análise do corpus. Em nossas análises, apontaremos as diferentes configurações das práticas lingüísticas provocadas pela emergência dos enquadres interativos das atividades do Programa de Linguagem. E com base nas configurações dos enquadres interativos, descreveremos as atividades do Programa de Linguagem de acordo com as propriedades do conceito de comunidade de práticas.

Por fim, nas considerações finais, procuraremos salientar o ganho que o conceito de comunidade de práticas agrega para análise das interações e os desdobramentos da caracterização do CCA como uma comunidade de práticas para algumas questões específicas do campo da Neurolingüística.

A questão chave da Sociolingüística: a relação entre linguagem e sociedade.

Introdução

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável, já que não podemos conceber a idéia de uma sociedade sem linguagem ou de linguagem sem sociedade. Segundo Benveniste (1976:27) “é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, e ambos só ganham existência pela língua, e esta pelas práticas. Logo, não podemos conceber língua e sociedade como entidades estanques.

Partindo desse pressuposto, a Sociolingüística toma para si a tarefa de investigar as relações entre linguagem e sociedade para revelar os aspectos sociais envolvidos no uso da linguagem. Se, por um lado o objeto de pesquisa da Sociolingüística é inquestionável e óbvio, por outro ele padece de uma definição genérica e abrangente.

A heterogeneidade e complexidade inerentes à linguagem exigem que a Sociolingüística se apóie em uma “teoria que tenha como pressuposto básico a natureza heterogênea dos fenômenos lingüísticos, isto é, uma teoria que conceba a linguagem como um fenômeno de natureza variável, cujos parâmetros são dados pelos usuários e seus usos localizados em uma comunidade real” (Alkmim, 2003: 597).

Nem sempre é fácil delimitar objetos de análise em meio a esta relação que ao mesmo tempo se configura como óbvia, mas também complexa e abrangente.

Como as dimensões sociais da linguagem são múltiplas, encontramos teorias que abarcam a relação entre linguagem e sociedade de maneira distinta. Apresentaremos brevemente dois grandes quadros teóricos vigentes na Sociolingüística: a vertente variacionista, representada aqui pela teoria elaborada por William Labov, e a vertente interacional ou interpretativa, que reúne autores como Dell Hymes, John Gumperz e Erving Goffman.

1.1 – O modelo Laboviano

A Lingüística, no início do século XX, a partir das reflexões de Saussure, institui o estudo da linguagem a partir de uma dicotomia: *langue* e *parole*. Não é preciso discorrer sobre as características de cada uma das faces desta dicotomia para constatar que desde sua consolidação, a *parole* não poderia transformar-se em um legítimo objeto de investigação científica dada sua natureza variável e em virtude da perspectiva teórica preconizada pelo estruturalismo, que concebia a homogeneidade como um importante critério para a legitimação do objeto de estudo. A Lingüística, para Saussure, tinha como tarefa primordial descrever o sistema lingüístico. Assim, para os interesses iniciais das pesquisas lingüísticas, a *parole*, por não constituir um sistema passível de ser descrito, foi excluída das teorias estruturalistas.

A investigação da linguagem em uso foi muitas vezes negada pelos paradigmas da ciência da linguagem. É justamente a variabilidade do uso da língua, o chamado “caos lingüístico”, que Labov elegeu como seu objeto de estudo. O propósito do modelo laboviano é o de demonstrar que este caos é possível de ser sistematizado:

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem mais veemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua (Tarallo, 1986: 07).

A perspectiva teórica iniciada por Labov pretendeu romper com o idealismo homogeneizante da Lingüística contemporânea: não existe fronteiras entre o sistema lingüístico e seu uso. Ao contrário, tudo que se tem como objeto de estudos é a manifestação da linguagem no contexto social, sobretudo em situações informais. (Camacho, 2001). Labov pretende superar o objeto “língua”,

ora entendido como homogêneo e sistêmico, conforme postula o estruturalismo, ora entendido como uma faculdade mental, conforme postula o gerativismo. Para ele, o objeto de estudo da Lingüística deve ser constituído justamente do que é heterogêneo:

It is therefore relevant to ask why there should be any need for a new approach to linguistic with a broader social base. It seems natural enough that the basic data for any form of general linguistic would be language as it is used by native speakers communicating with each other in every day life (Labov, 1972: 184).

Para sistematizar o “caos lingüístico”, isto é a heterogeneidade da fala, Labov considera que a estrutura social se reflete no uso da linguagem: “Social stratification and its consequences are the only type of social process which is reflected in linguistic structures” (Labov, 1972, p.118). Em sua metodologia os fatores sociais têm um papel decisivo na explicação da variação lingüística, ou seja, da heterogeneidade lingüística (Alkmim, 2001).

A metodologia desenvolvida por Labov em seus estudos pioneiros em áreas de grande densidade demográfica, como o estudo da centralização dos ditongos na ilha de Martha’s Vineyard (1963) e o seu famoso estudo sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York (1966), consistiu em co-relacionar variáveis sociais bem definidas como sexo, escolaridade e classe social à variáveis lingüísticas. Para isso, ele lançou mão de métodos quantitativos e tratamentos estatísticos em seus dados para demonstrar que os fatores sociais (extralingüísticos) condicionam o uso das variáveis lingüísticas.

Os resultados de suas pesquisas revelaram, entre outras coisas, que ocorre a estigmatização de algumas variedades faladas por certos grupos sociais, como é o caso do *black english*, e que há uma motivação social para o uso de certas variáveis fonológicas, como no caso da na ilha de *Martha’s Vineyard*, onde a produção de uma centralização dos ditongos constituía-se em uma marca da identidade de seus habitantes.

Entretanto, a contribuição trazida por Labov à Sociolingüística não se limitou somente a tais constatações. A maior contribuição foi, sem dúvida, mostrar que a heterogeneidade lingüística pode ser sistematizada (em termos qualitativos) na sua relação com diversidade social através de uma metodologia que combinou

dados estruturais da língua falada com técnicas de pesquisas sociológicas. Esta metodologia inaugurou uma tradição teórico-metológica de pesquisa, denominada Sociolingüística Variacionista, cujo principal postulado é evidenciar que as variações da fala não ocorrem de forma aleatória e desorganizada. Pelo contrário, a teoria laboviana demonstrou que as variáveis lingüísticas são geográfica e socialmente organizadas e distribuídas.

1.2 – A Sociolingüística Interacional

A outra vertente da Sociolingüística é fruto de teorias fortemente ancoradas na Antropologia, mais especificamente na Etnografia. Dentre os autores mais significativos destacam-se Dell Hymes, Jonh Gumperz, Erving Goffman. Esta vertente da Sociolingüística, chamada de interacional ou interpretativa, se propõe a analisar a relação entre sociedade e linguagem a partir dos fatos sociais cotidianos, compreendendo a organização da comunicação na interação face a face.

Os recursos lingüísticos e extralingüísticos que são mobilizados durante o evento comunicativo ganham espaço nas análises interpretativas desta perspectiva. Os sujeitos lançam mão destes recursos para se alinharem durante um evento comunicativo. Exemplos disto são os aspectos de natureza proxêmica, gestual e aqueles relacionados à língua, tais como: a alternância de códigos e de variedades lingüísticas. Goffman (1964) chama a atenção especificamente para a *situação negligenciada*, ou seja, para estes recursos extralingüísticos que foram muitas vezes omitidos pelas teorias lingüísticas e que constituem e organizam o uso da linguagem:

A fala é socialmente organizada não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também em termos de um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma um encontro social. (...) “a interação face-a-face tem seus próprios regulamentos e **eles não parecem ser de natureza intrinsecamente lingüística**, mesmo que freqüentemente expressos por um meio lingüístico (Goffman, 1964/2002:19 – grifos nossos).

Por sua vez, Hymes (1974), ao cunhar o termo Etnografia da Fala, critica o fato de as teorias lingüísticas se abstraírem dos contextos do uso da linguagem,

Segundo o autor, a fala deve ser descrita e analisada enquanto um sistema comunicativo que organiza a cultura:

“Speaking” has been regarded as merely implementation and variation, outside the domain of language and linguistics proper. Linguistic theory has mostly developed in abstraction from contexts of use and sources of diversity. But by an ethnography of speaking I shall understand a description that is a theory – a theory of speech as a system of cultural behavior: a system not necessarily exotic, but necessarily concerned with the organization of diversity (Hymes, 1974: 89).

Conforme preconizou a tradição estruturalista, os componentes do signo saussuriano – o significado e o significante – não têm relação alguma com os fatores externos à língua. Nesta concepção, o uso efetivo dos elementos lingüísticos em situações reais de comunicação não constitui uma unidade de análise sistematizável; a natureza social da linguagem reside no fato de que a língua é um código socialmente compartilhado, o que proporciona aos interlocutores ter pleno controle dos elementos pertinentes dos signos lingüísticos por meio dos quais se comunicam (Ilari, 2004). Neste sentido, no campo dos estudos lingüísticos, por muito tempo, o termo interação foi empregado para designar apenas o *locus* onde o uso da linguagem ocorre.

A consolidação dos estudos externalistas no domínio da Lingüística – a Semântica Enunciativa, a Sociolingüística, a Pragmática, a Análise da Conversação, a Lingüística Textual – instaura novos desafios ao incorporar à agenda dos estudos lingüísticos a dinamicidade dos fatores externos à língua que indiscutivelmente estão arraigados em qualquer fenômeno lingüístico. Surge, desta forma, uma abordagem nos estudos lingüísticos voltada essencialmente para a dimensão interativa da linguagem, a chamada Lingüística Interacional que segundo Morato (2004) configura-se como:

um conjunto de questões ligadas a todo o tipo de produção lingüística que é considerada material interativo: práticas, estratégias e operações languageiras, dinâmicas de trocas conversacionais, comunicação verbal e não-verbal, construção de valores culturais, atividades referenciais e inferenciais realizadas pelos falantes, normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem (Morato, 2004:337).

No desenvolvimento da Lingüística Interacional, algumas categorias teóricas advindas de outras áreas de conhecimento proporcionaram um frutífero diálogo interdisciplinar em torno da investigação das dimensões sociais,

pragmáticas e contextuais que interpelam o uso da linguagem por qualquer falante. Categorias como sociedade, prática e ação passaram a fazer parte do quadro teórico-metodológico dos estudos lingüísticos. Assim, esta movimentação teórica engendrou uma significativa mudança no foco do objeto de estudos da Lingüística. A investigação dos fenômenos lingüísticos deixou de se concentrar apenas nas relações e propriedades do sistema lingüístico, e incorporou em seu escopo teórico a atividade constitutiva do conhecimento de mundo que a linguagem exerce nas ações humanas. A ampliação do foco da Lingüística sobre seu objeto de estudo possibilita que a linguagem seja entendida da seguinte forma:

Como uma atividade constitutiva do conhecimento humano, a linguagem não é apenas estruturada pelas circunstâncias e referências do mundo social; é ao mesmo tempo estruturante do nosso conhecimento e extensão (simbólica) de nossa ação sobre o mundo. Ou seja, podemos dizer da linguagem que ela é uma ação humana (ela predica, interpreta, representa, influencia, modifica, configura, contingência, transforma etc.) na mesma proporção em que podemos dizer da ação humana que ela atua também *sobre* a linguagem (Morato, 2004: 317).

A evidência da natureza social da linguagem, ressaltada no campo dos estudos lingüísticos principalmente pelas áreas elencadas acima, provocou um redimensionamento do próprio objeto língua/linguagem e, em consequência disso, uma redefinição do conceito de interação. A interação deixa de ser apenas o local onde o uso da linguagem acontece e passa a constituir uma categoria de análise, assim como outras unidades de análise lingüística. Este deslocamento permite-nos eleger a investigação da relação da língua com o mundo externo, marcado fundamentalmente pelas condições heterogêneas e múltiplas que forjam as mais diversas ações em que os sujeitos se inscrevem cotidianamente. Desta forma a interação torna-se:

(...) uma das categorias de análise dos fatos da linguagem, e não apenas o *locus* onde a linguagem como espetáculo. (...) Desse modo, ela é capaz de indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social do mundo, submete-se às regras da gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra. (...) Essa ponderação indica que também a interação – e tudo que é afeito a ela – produz sentido, o sentido é a produção da interação: o outro nos é necessário para sabermos o que estamos a dizer, e mais, para construirmos o sentido daquilo que estamos a dizer. Nesse aspecto é que a interação – enquanto categoria de análise – por ser um elemento de distinção e definição do sentido é capital para a compreensão das tarefas interpretativas (Morato, 2004: 315-16).

Conforme salienta Morato (2004), a interação constitui uma categoria de análise lingüística justamente por ser um elemento de definição e distinção de sentido, semelhante a outras categorias tradicionais de análise lingüística como morfemas, fonemas e etc. O sentido, o produto da interação, é intrinsecamente ligado a fatores de ordem social, histórica e cultural que moldam as ações dos sujeitos no mundo e, conseqüentemente, o uso da linguagem.

O interesse da Sociolingüística, particularmente a de vertente interacional, recai justamente na organização da comunicação na interação face a face frente a esta gama de fatores coexistentes em qualquer encontro social. A célebre pergunta que os sociolingüistas interpretativos fazem: “o que está ocorrendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?”, sintetiza o interesse da área na investigação das situações de interação, que são tomadas como cenários de construção do significado social passíveis de análises de cunho sociológico e lingüístico (Garcez, 2002).

Na perspectiva da Sociolingüística Interacional, a primazia dos elementos lingüísticos é relativizada pelo interesse da organização social do discurso em interação. Isto significa priorizar a natureza dialógica da comunicação humana e o trabalho social e lingüístico mobilizado na construção conjunta do sentido e da ação. Portanto, somente um exame mais atento dos usos concretos da linguagem no curso das ações comunicativas pode nos revelar as facetas da relação entre o social e o lingüístico, a questão central para a Sociolingüística, e também para o campo de estudos da linguagem com um todo.

1.2.1 Falar é interagir

Speaking is interacting. Esta afirmação de Gumperz (1982) pode ser considerada o principal postulado que sustenta a Sociolingüística Interacional. Estas palavras de Gumperz chamam atenção justamente para a natureza comunicativa da linguagem, e, principalmente para a investigação das estratégias que os falantes utilizam para a construção de significados sociais durante a interação verbal.

O interesse dos sociolinguistas que se filiam à perspectiva interacional é compreender o uso cotidiano da linguagem como uma prática social e a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais mobilizadas pelos falantes durante as interações face a face (Koch, 1997). É este o principal contraste entre a perspectiva laboviana e a sociolinguística de cunho interacional.

Gumperz critica explicitamente as categorias sociais rígidas com as quais a vertente variacionista trabalha, e deixa claro a necessidade de incluir no quadro teórico da sociolinguística os diferentes níveis de habilidades linguísticas, sociais e contextuais do falante que regem a complexidade comunicativa da interação verbal. De acordo com o autor:

Any sociolinguistic theory that deal with problems of mobility, power and social control cannot assume uniformity of signaling devices as a precondition for successful communication. Simple dichotomous comparison between supposedly homogeneous and supposedly diverse groups therefore do not do justice to the complexities of communication in situations of a social change such as we live in. We need to be able to deal with degrees of differentiation and, thorough intensive case of key encounters, learn to explore how such differentiation affects individuals ability to sustain social interaction and have their goals and motives understood (Gumperz, 1982: 07).

Segundo Gumperz (1982), as teorias sociolinguísticas precisam explicar a relação entre a linguagem e sociedade a partir das trocas comunicativas constituídas de interpretações conjuntamente negociadas e de julgamentos que se confirmam ou se alteraram através das reações que as interpretações do falante ou do ouvinte provocam. Portanto, as situações interativas revelam-se como o ponto de partida básico para a sociolinguística, pois elas o constituem o espaço onde cotidianamente nos auto-afirmamos, compartilhamos conhecimentos, crenças e valores sociais. É o indiscutível caráter interativo da linguagem que justifica esta mudança de foco:

Since speaking is interacting, such a theory must ultimately draw its postulate from what we know about interaction. It must account for the fact that being able to interact also implies some sharing. But we must not assume that sharing at all levels of either grammatical or social rules is necessary (Gumperz, 1982: 29-30).

Se falar é interagir, conforme Gumperz afirma, qual seria o postulado que a teoria sociolingüística deveria assumir para a investigação dos fatores que sustentam as trocas conversacionais entre os falantes em uma situação interativa? A direção para a resposta desta questão aponta para o fato de que interagir implica necessariamente algum tipo de base comum. Os falantes não se lançam numa situação social de fala se não houver uma base mínima de conhecimentos comuns ou requeridos em um dado ambiente interativo. Desta forma, complementando a afirmação de Gumperz, podemos dizer que falar é interagir e interagir é compartilhar.

Um dos principais fatores que interferem ativamente no desenvolvimento das práticas interativas é o conjunto de informações comuns entre os falantes que influencia os processos de produção e interpretação dos sentidos daquilo que está sendo dito. Interagir verbalmente significa, sobretudo, compartilhar conhecimentos sejam eles no nível social, cultural, contextual, pragmático ou gramatical.

O compartilhamento de conhecimentos que são mobilizados durante um evento interativo é o eixo fundamental das análises a partir do arcabouço teórico da Sociolingüística interacional. Em um artigo publicado na obra *Rethinking linguistic relativity* (1998), Gumperz assinala a importância deste fator para a explicação dos movimentos de sustentação e colaboração conversacional ao mencionar que, mesmo havendo o compartilhamento de uma mesma linguagem numa mesma comunidade de fala, pode haver diferenças interpretativas significativas que alteram a argumentatividade e a seqüencialidade do evento interativo. Segundo o autor, é consensual o fato de que as interações cotidianas são regidas pelas suas próprias formas de organização, porém:

We also have good evidence to show that situated understanding is to a large extent a matter of context bound indirect inferences. Propositional content and grammar are thus not the sole determinants of meaning assessments. Among other factors, discourse-level characteristics of verbal signs and culturally specific background knowledge, along with generalized world knowledge, also play a significant role (Gumperz, 1998: 374).

Reconhecido o papel que os conhecimentos compartilhados exercem na dinâmica interativa, torna-se necessário esclarecer que tipo de conhecimento influi no engajamento dos falantes. Em outras palavras, isto significa reconhecer em que

consistem estes conhecimentos. Valores, habilidades, convenções pragmático-sociais, crenças, práticas cotidianas, aspectos culturais, informações contextuais compõem um quadro de conhecimentos partilhados em um nível mais abrangente. Clark (1998) propõe uma definição um pouco mais específica destes conhecimentos, relacionando-os a uma noção de cultura cotidiana e atribuindo-lhes três propriedades claras e facilmente operacionalizáveis para análise. Segundo este autor:

Communal common ground is obviously akin to the everyday notion of culture, so my characterization of it is hardly definitive or complete. All I have tried to do is bring out three properties. First, cultural beliefs, practices, conventions, values, skills, and know how are not uniformly distributed in population. Second, most of them are identified with experts or authorities with the population, peoples who are defined by their special training or background and who are identified as belonging to particular communities. Third, when two peoples meet, they identify each other member as such communities and use that membership to infer which features they can and cannot take to be a common ground. (...) An important difference between personal and communal common ground is in the way people keep track of them. For communal common ground, they need encyclopedias for each of the communities they belong to. (...) For personal common ground, on the other hand, they need to keep diaries of their personal experiences; but not personal experiences alone (Clark 1998:335).

Ainda segundo Clark, há um traço de distinção entre o conhecimento partilhado pelos falantes que os divide em duas categorias: uma que diz respeito a um nível amplo de conhecimentos gerais comuns a uma comunidade (*communal common ground*); e outra que se relaciona às crenças e conhecimentos individuais que são acumulados ao longo das mais diversas experiências pessoais (*personal common ground*). Cada participante entra em uma situação social portando sua biografia, construída por meio de interações passadas com outros participantes, além de vir com um grande conjunto de pressuposições culturais que presume serem partilhadas pelos sujeitos naquele momento interacional (Goffman 1981/1998).

Em um encontro social, os participantes estão a todo momento introduzindo ou sustentando mensagens que organizam esse encontro social, “mensagens estas que orientam a conduta dos participantes e atribuem significado à atividade em desenvolvimento” (Garcez, 2002). Portanto, é nas interações que o uso da linguagem acontece, sendo as situações sociais, situações de coordenação. Desta forma, podemos considerar que

a interação verbal é uma atividade cooperativa que requer uma coordenação dos atos por parte de dois ou mais participantes e que tudo é realizado, tudo o que é interpretado e toda informação atingida não é inerente aos signos verbais ou não-verbais como tal, mas deve emergir dessas trocas interativas seqüencialmente organizadas (Cook-Gumperz & Gumperz, 1984:3 *apud* Marcuschi, 2001).

As interações são trocas comunicativas constituídas de interpretações conjuntamente negociadas e de julgamentos que se confirmam ou se alteraram através das reações que as interpretações do falante ou do ouvinte provocam. Os participantes de um evento comunicativo compartilham convenções comunicativas para atingirem seus fins comunicativos ou não. E é através destas interpretações e das convenções comunicativas que o significado social é negociado. O movimento de cooperação entre os falantes não depende apenas de fatores arraigados às características estruturais da interação, às propriedades comunicativas da língua, ou aos contextos interacionais, mas também, principalmente, das habilidades desenvolvidas para manipular estratégias conversacionais com o intuito de se entenderem e atingir objetivos comuns em situações sociais de fala (Marcuschi, 2001).

1.3 – Dois conceitos fundamentais para a compreensão das relações entre língua e sociedade

1.3.1 – Comunidade de Fala

O conceito de comunidade de fala é a primeira tentativa de se estabelecer uma unidade de análise capaz de apreender empiricamente, a partir de uma noção de grupo, o fenômeno da variabilidade lingüística e o uso social da linguagem entre os indivíduos. Os quadros teóricos mencionados apresentam definições distintas de comunidade de fala (CF), porém, elas se assemelham em alguns pontos. As teorias sociolingüísticas compartilham entre si o conceito de comunidade de fala, o que permite um diálogo frutífero entre elas.

Labov (1966) usa a noção de comunidade de fala como um recorte metodológico na suas pesquisas quantitativas sobre a diversidade lingüística em grandes áreas de concentração demográfica. Em *The Social Stratification of*

English in New York, Labov investiga o sistema fonológico do inglês falado em New York. Para explicar o sistema de sons, Labov lida com a inconstância dos fonemas como um *contínuo* de variáveis fonológicas, que será codificado e mensurado em uma escala linear quantitativa. A comunidade de fala para Labov, neste momento, é uma unidade estrutural maior, em que as variáveis lingüísticas podem ser distribuídas em relação a uma ampla gama de fatores sociais e estilísticos. Em outras palavras, o conceito de comunidade de fala consiste em uma unidade de análise macro e quantitativa que permite operacionalizar os padrões de variação de um determinado grupo social:

That New York City is a single speech community and a not a collection of speakers living side by side borrowing occasionally from each dialects may be demonstrated by many kinds of evidence. Native New Yorkers differ their usage in terms of absolute values of the variables, but the shifts between contrasting styles follow the same pattern in almost every case (Labov, 1966: 05).

Os critérios que definem uma comunidade de fala, para Labov, neste momento, são de natureza quantitativa e geográfica. A comunidade de fala seria o espaço geográfico em que as variações lingüísticas de diferentes grupos sociais estão em contato. A coerência de New York enquanto uma comunidade de fala estaria no fato de que o uso das variáveis lingüísticas, assim como de suas avaliações, diferem entre os falantes, mas o padrão na troca de estilos se mantém na maioria dos casos.

Em *Sociolinguistic Patterns* (1972), Labov refina os critérios de definição de uma comunidade de fala. Neste texto, Labov enfatiza, dentre outros aspectos, o padrão de variação dentro da comunidade.

The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage (Labov, 1972: 120-21).

O foco do conceito de comunidade de fala recai sobre os falantes, especificamente sobre os comportamentos de avaliação compartilhados por eles em determinadas variações. Labov aponta que só é possível observar o compartilhamento dessas normas através do comportamento avaliativo dos falantes e da uniformidade do padrão da variação. A uniformidade da variação não seria possível de ser observada no nível particular do uso, mas apenas pode ser

observada quando se toma um grupo. A heterogeneidade constitutiva da fala é expressa nos diversos usos das variantes. O conceito de comunidade de fala é definido, entretanto, no nível da interpretação; a observação da produção heterogênea da fala se torna homogênea na interpretação das variantes (Patrick, 2001).

O conceito laboviano de comunidade de fala é também pautado pelo compartilhamento de normas e comportamentos de avaliação que vão definir o que é uma comunidade de fala. Por meio deste conceito, Labov objetiva capturar os fatores sociais envolvidos no uso e na avaliação das variáveis lingüísticas².

O compartilhamento de normas está na base do conceito de comunidade de fala para os autores da Sociolingüística Interacional. Diferentemente de Labov, para Hymes (1972) e Gumperz (1982), o compartilhamento de normas não diz respeito ao comportamento de avaliação dos falantes frente às variáveis lingüísticas, mas sim às normas sociais e pragmáticas que presidem a interação e afetam diretamente a interpretação da fala pelos falantes. Para estes autores, é em função do compartilhamento destas normas que um determinado grupo de falantes pode ser recortado como uma comunidade. É necessário haver, a um só tempo, o compartilhamento dos conhecimentos e das regras sociais e lingüísticas que governam a comunicação.

Tentatively, a speech community is defined as a community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of at least one linguistic variety. Both conditions are necessary. The sharing of grammatical (variety) rules is not sufficient (Hymes, 1972: 54).

(...) members of the same speech community need not all speak the same language nor use the same linguistic forms on similar occasions. All that is required is that there be at least one language in common and rules governing basic communicative strategies be shared so that speakers can decode by alternative modes of communication (Gumperz, 1982:16).

² Para Tarallo (1986), variantes lingüísticas são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. A um conjunto de variantes lingüísticas dá-se o nome de variáveis lingüísticas. O autor cita um exemplo muito recorrente no português brasileiro e que exemplifica claramente o que são as variáveis lingüísticas: "No falado do Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN; constituinte frasal mínimo, composto de um núcleo substantivo obrigatório, modificado determinantes e adjetivos) encontra-se em variação. Tem-se aqui um exemplo de variável lingüística: a marcação do plural no SN." (p. 8)

Gumperz (1982) menciona a heterogeneidade como um aspecto importante de uma comunidade de fala. Os membros de uma determinada comunidade de fala podem ter comportamentos e crenças diferentes; entretanto, tais variações, que se apresentam irregulares no nível individual, mostram-se regulares quando se considera o nível social. Esta definição se aproxima da concepção de comunidade de fala preconizada por Labov (1972), ao ressaltar que as irregularidades se tornam regulares quando dispostas numa perspectiva de análise maior.

A Speech Community is defined in functionalist terms as a system of organized diversity held together by common norms and aspirations (...) Members of such a community typically vary with respect to certain beliefs and other aspects of behavior. Such variation, which seems irregular when observed at the level of the individual, nonetheless shows systematic regularities at the statistical level of social facts (Gumperz, 1982: 24).

Podemos observar em ambas perspectivas que sob o conceito de comunidade de fala está implícito a idéia de compartilhamento de normas: avaliação das variáveis para Labov, e normas sociais, contextuais e comunicativas para Hymes e Gumperz. Saville-Troike (1989) sintetiza as definições de comunidade de fala ao incluir o significado que o termo comunidade tem nas Ciências Humanas e especialmente para a Sociolingüística:

All definitions of *community* used in the social sciences include the dimension of shared knowledge, possessions, or behaviors, derived from Latin *communitae* 'held in common', just as sociolinguistic criteria for speech community enumerated above all include the word 'shared'. The key question is whether our focus in initially defining communities for study be on shared language form and use, or on common geographical and political boundaries, culture traits, and perhaps even physical characteristics (...) (Saville-Troike, 1989:17).

O que diferencia os conceitos entre si das diferentes perspectivas – a perspectiva laboviana e interacional – é o tipo de norma que cada grupo precisa compartilhar para ser uma comunidade de fala. A questão na realidade é operacionalizar uma unidade de análise em que seja possível unir os falantes sob algum parâmetro em que seja possível investigar a relação entre o social e o lingüístico.

No entanto, uma questão que se evidencia, ao examinarmos os conceitos, diz respeito ao peso que fatores lingüísticos e sociais ocupam na definição de um grupo como comunidade de fala. Podemos observar em Hymes (1974) a

preocupação em salientar, em primeiro lugar, os aspectos sociais do grupo para que dentro dele seja investigada sua organização lingüística. Ele reconhece que é inadequado se tomar a linguagem como critério de definição de uma comunidade.

Speech community is a necessarily, primary concept in that if taken seriously, it postulates the unit of description as a social rather than linguistic, entity. One starts with a social group and considers the entire organization of linguistic means within it. (...) *Definition of a speech community in terms of a language is inadequate to the bounding of communities, either externally or internally* (Hymes, 1974: 47 – grifos nossos).

Uma alternativa proposta para contornar as limitações do conceito de comunidade de fala seria uma abordagem etnográfica para a descrição de uma comunidade. Saville-Troike (1989) argumenta a este respeito:

There is no expectation that a community will be linguistically homogeneous, but as a collectivity it will include a range of language varieties (and even different languages) that will pattern in relation to the salient social and cultural dimensions of communication, such as role and domain. From this perspective, patterns of language use do not define a community to be investigated, but their description is part of an outcome of an ethnographic study which focuses on a community selected according to non-linguistic criteria (Saville-Troike, 1989: 18).

Um dos problemas que surgem em torno do conceito de comunidade de fala consiste em mascarar a heterogeneidade social de um grupo. Por eleger o compartilhamento de fatores lingüísticos, tem-se, no cerne do conceito de comunidade de fala, uma tendência em tomar a linguagem e fatores relativos a ela como critérios centrais para a delimitação de um grupo. Na realidade, este é um dos fatores que tornam, em certa medida, a operacionalidade do conceito limitada enquanto categoria analítica por situar a linguagem de maneira “descorporificada” da realidade das práticas dos falantes. Conforme argumenta Bucholtz (1999), o conceito de comunidade de fala torna-se uma categoria analítica inadequada para as pesquisas que pretendem articular linguagem às práticas sociais pelas seguintes razões:

a) Its tendency to take language as central; b) Its emphasis on consensus as the organizing principle of community; c) Its preference for studying central members of community over those margins; d) Its focus on the group at the expense of individuals (...) By recognizing practice – the social projects of participants – as the motivating context for linguistic interaction, the theory of community of practice makes activity much more central to sociolinguistic analysis. Just as importantly, whereas the speech community model understands language fundamentally disembodied – as detachable from the

physicality of speakers – the community of practice quite literally reincorporates language into physical self (Bucholtz, 1999: 207-08).

1.3.2– Comunidade de Práticas

Surgido inicialmente no campo da Psicologia Social, o conceito de comunidade de práticas é um componente de uma teoria social de aprendizagem (Lave & Wenger, 1991). Em meados da década de 90, este conceito começa a ser utilizado nas teorias de construção social da identidade, principalmente em trabalhos que investigam a relação entre linguagem e gênero através de dados conversacionais (Eckert & McConnell-Ginnet, 1992; Eckert, 2000; Holmes & Meyerhoff, 1999). O termo *Comunidade de Práticas* (doravante CP) foi introduzido na Sociolinguística, nas pesquisas de linguagem e gênero, inicialmente, por Eckert & McConnell-Ginnet (1992), baseadas em Lave & Wenger (1991):

An aggregate of peoples who come together around mutual engagement in a endeavor. Ways of doing things, ways of talking, values, power relations – in short, practices – emerges in the course of this mutual endeavor. As a social construct, a CofP is different from the traditional community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages (1992:464).

Wenger (1998) reformula o conceito, numa crítica aos modelos tradicionais de aprendizagem que requerem dos aprendizes a assimilação de conteúdos em ambientes artificiais, como as salas de aulas. A crítica construída por Wenger se baseia no argumento de que a aprendizagem é um aspecto natural e inevitável da vida, sendo fundamentalmente um processo social. Para entender a definição de comunidade de prática desenvolvida por Wenger é necessário situar a noção de prática utilizada por ele como propriedade de uma comunidade:

The concept of practice connotes doing, but not just doing in and itself. It is doing in a historical and social context that gives structure and meaning to what we do. In this sense, practice is always social practice (1998: 47).

Baseado nesta noção de prática, o autor refina o conceito de comunidade de práticas, atribuindo-lhe três propriedades fundamentais:

1) mutual engagement; 2) a joint enterprise; 3) a shared repertoire of negotiable resources accumulated over time. (1998: 73).

Wenger assume que as práticas não se referem somente às ações dos indivíduos, mas sim às ações que carregam sentidos sociais que os sujeitos

produzem num determinado contexto social e historicamente situado. É interessante notar que Wenger rejeita uma noção de prática dicotomizada:

More generally, my usage of the concept of practice does not fall on side of traditional dichotomies that divide acting from knowing, from manual from mental, concrete from abstract. The process of engaging in practice always involves the whole person, both acting and knowing. (...) The term practice is sometimes used as an antonym for theory, ideas, ideals, or talk. However, my use of the term does not reflect the dichotomy between the practical and theoretical, ideals and reality, or talking and doing. Communities of practice include all of these, even if there are sometimes discrepancies between what we say and what we do, what we aspire to what we settle for, what we know and what we can manifest. We all have our theories and ways of understanding the world and our communities of practice are places where we develop, negotiate, and share them (Wenger, 1998: 47-08).

Apesar de Wenger (1998) rejeitar uma concepção dicotomizada da noção de prática, o autor não desenvolve especificamente esta noção na própria formulação do conceito de comunidade de práticas. Wenger admite que a noção de prática que sustenta seu conceito, se distingue das concepções tradicionais por não dividir o agir do saber, o manual do mental, o concreto do sumário. Segundo o autor, a inserção nas práticas de uma comunidade conjuga simultaneamente os aspectos práticos e teóricos da ação, e também requer, sobretudo, processos de negociação coletiva que envolvem aquilo que os sujeitos pensam e as suas formas de agir.

A esta noção de prática preconizada por Wenger, agregamos as contribuições dos estudos de cunho sociológico e lingüístico de Hanks (1996) baseados em teorias recentes da prática (Bourdieu, 1982, Giddens, 1989). Para Hanks (1996), a compreensão das formas que os sujeitos agem com e sobre a linguagem implica também na compreensão dos padrões, hábitos e esquemas que moldam as práticas. Assim, o autor propõe uma abordagem das práticas comunicativas a partir da compreensão de duas dimensões: os aspectos estruturados e os aspectos emergentes das práticas. Os aspectos estruturados dizem respeito às rotinas, aos hábitos que os sujeitos têm acesso por meio dos quais moldam suas ações. Por sua vez, os aspectos emergentes são aqueles novos aspectos que não estão consolidados nas práticas e que emergem no

decorrer das ações interativas. Os aspectos emergentes e os aspectos estruturados conjugam-se mutuamente nas práticas³. Nas palavras de Hanks:

“The aim is to generalize across verbal practices, to bring together those features that are repeatable, as distinct those that are not. The former we will call *schematic* aspects. They imply relatively stable, prefabricated aspects of practices that actor have access to they enter into engagement. (...) Opposed to schematic aspects are emergent ones. By this I mean those parts of practices that emerge over the course of action, as part of action. Emergent aspects are not already given to agents prior to their engagement are not neither prefabricated nor stable. They are in process” (1996: 233).

Adotaremos em nossas análises a noção de prática que Wenger (1998) assume na concepção de seu conceito aliada à compreensão dos aspectos emergentes e estruturados que moldam as práticas conforme preconiza Hanks (1996). Nossa hipótese inicial é de que são os aspectos consolidados e compartilhados nas atividades interativas que permitem salientar as propriedades do conceito de comunidade de práticas. Isto significa que os aspectos que estruturam as práticas do Centro de Convivência de Afásicos, especificamente as atividades do Programa de Linguagem, podem influenciar diretamente o engajamento dos sujeitos, a participação deles num empreendimento comum, alcançado através de processos coletivos de negociação, e o uso dos recursos acumulados pelo histórico de interações do grupo.

Passemos agora à exposição das propriedades de engajamento mútuo, empreendimento comum e de recursos compartilhados. Junto a esta exposição das propriedades do conceito de comunidades de práticas, realizaremos, preliminarmente, uma breve identificação destes fatores nas interações do CCA.

1.3.2.1 Engajamento mútuo

A primeira delas é o engajamento mútuo (*mutual engagement*) que diz respeito à disponibilidade dos sujeitos de se reunirem semanalmente em função de um objetivo comum. Conforme Wenger (1998) argumenta, as práticas de uma comunidade existem pelas relações de engajamento mútuo de seus membros, e é

³ As práticas sociais podem ser entendidas como procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais. Se a vida social se distingue da natureza pelo desempenho das práticas sociais, então a base dessa distinção consiste nas habilidades e recursos requeridos para se desempenhar uma dada prática (Giddens, 1984 *apud* Bentes, 2006).

por meio desta relação de engajamento que ocorrem os alinhamentos das ações interativas entre os membros. Segundo o autor, o engajamento mútuo se caracteriza da seguinte forma:

The first characteristic of practice as the source of coherence of a community is the mutual engagement of participants. Practice does not exist in the abstract. It exists because people are engaged in actions whose meanings they negotiate with one another. Practice resides in a community of people and the relations of mutual engagement by which they can do whatever they do. Membership in a community of practice is therefore a matter of mutual engagement. That is what defines the community. A community of practice is not just an aggregate of people defined by some characteristic. The term is not a synonym for group, team, or network. (...) A community of practice is not defined merely by who knows whom or who talks with whom in a network of interpersonal relations through which flows (Wenger, 1998: 74).

Wenger se preocupa em distinguir o conceito de CP de noções genéricas como *time*, grupo ou *network*. Esta preocupação se justifica pelo fato de que a propriedade do engajamento mútuo pode ser compreendida como um simples acordo ou reunião de indivíduos para a realização de uma atividade conjunta. Entretanto, o engajamento mútuo não se limita a esta visão simplificadora. A propriedade de engajamento mútuo diz respeito a um princípio de reciprocidade e cooperação em fazer algo junto. Engajar-se não implica necessariamente em concordância, mas sim, na participação em jogos de negociação e alinhamentos de objetivos, ponto de vista e argumentos.

O desenrolar da interação nos permite entrever as formas distintas nas quais o sujeito que fala se posiciona em relação ao mundo, aos outros, a ele mesmo e à própria atividade interativa – os movimentos, portanto, de variação de perspectivas, de mudanças de planos, de ajustamento de perspectivas (Salazar Orvig, 1999). Wenger (1998) salienta que nem tudo funciona de forma consensual e homogênea nas negociações coletivas em torno do empreendimento comum:

Because mutual engagement does not require homogeneity, a joint enterprise does not mean agreement in any simple sense. In fact, in some communities, disagreement can be viewed as productive part of the enterprise. The enterprise is joint not in that everybody believes the same thing, but in communally negotiated (1998: 78).

Nas interações do CCA, o engajamento mútuo pode ser definido em um primeiro momento pela disposição dos sujeitos que integram o Centro têm para realizar uma simples prática: o ato de conversar ao redor de uma mesa, isto é,

engajar-se em uma atividade rotineira em que a linguagem ocupa um lugar privilegiado. Esta pode ser a definição geral de engajamento mútuo para a comunidade de práticas que o CCA constitui. Porém, conforme Wenger destaca, a disposição para o engajamento não existe de forma homogênea. No CCA, a disposição dos sujeitos para interagir entre si não significa pressupor que a participação nas atividades de linguagem ocorre integralmente e sem negociações. Isto equivale dizer que apesar de a atividade de conversação ser o ponto nevrálgico da existência do Centro, e, portanto o fator que reúne diferentes sujeitos, tal atividade não garante o engajamento mútuo dos sujeitos.

Existe, claro, uma disposição mútua dos sujeitos para participação na atividade de linguagem. A participação nas atividades de linguagem é o que sustenta a existência do grupo, e também une os membros do grupo. É o que podemos chamar de fator central de engajamento, isto é, a atividade central das práticas em que há o primeiro movimento interativo de engajamento entre os membros. Em outras palavras, é nesta atividade que os membros têm a disposição de “fazer algo junto”; no caso do CCA, isto se concentra principalmente no ato de se reunir ao redor da mesa para conversar e interagir em grupo.

1.3.2.2 – Empreendimento comum

A segunda propriedade do conceito de comunidades de práticas refere-se ao empreendimento comum, isto é, à negociação de objetivos compartilhados pelos participantes no curso de uma determinada prática interativa. Wenger define o empreendimento comum da seguinte forma:

It is defined by the participants in the very process of pursuing. It is their negotiated response to their situation and thus belongs to them in a profound sense, in spite of all forces and influences that are beyond their control. It is not a stated goal, but creates among participants relations of mutual accountability that become an integral part of practice. (...) Defining a joint enterprise is a process, not a static agreement. It produces relations of accountability that not just fixed constraints or norms. These relations are manifested not as conformity but as the ability to negotiate actions as accountable to an enterprise. The whole process is as generative as it is constraining (1998: 78, 82).

O empreendimento comum não é um objetivo compartilhado definido *a priori*. Pelo contrário, o empreendimento comum é o resultado de um processo coletivo de negociação entre os membros e que reflete toda a complexidade do

engajamento mútuo. Ao relacionarmos o engajamento mútuo em torno de um empreendimento comum tem-se a idéia de que uma comunidade de práticas configura-se como um espaço homogêneo onde indivíduos se engajam em ações e objetivos comuns de forma passiva, como se compartilhassem de os mesmo valores sociais, crenças e objetivos individuais.

Nas interações do CCA, podemos postular que o empreendimento comum configura-se, na realidade, no objetivo que norteia a existência do grupo: a reinserção dos afásicos em situações sociais e cotidianas que promovem o exercício de práticas de linguagem. Este é o empreendimento comum ao qual os participantes das atividades do Programa de Linguagem se engajam, sendo que ele resulta de um processo dinâmico de reatualização das práticas de linguagem a cada novo encontro. Assim, em consonância com o que Wenger afirma, o empreendimento comum das práticas interativas do CCA, a saber, o de reinserir os afásicos em situações cotidianas de linguagem, é continuamente perseguido por meio de constantes e intensos processos de negociação e de construção conjunta dos sentidos.

A análise das interações do CCA mostra que a (re) inserção dos sujeitos afásicos nas práticas de linguagem cotidianas ocorridas no CCA não acontece de forma estática. Os afásicos deparam-se com situações nas quais são requeridos negociação de sentidos, de pontos de vista, de argumentos. Desta forma, as atividades dos sujeitos para a realização deste empreendimento são sem dúvida, heterogêneas. Apesar de as práticas realmente proporcionarem a reunião de diferentes indivíduos, no entanto, isto não significa o apagamento das marcas da subjetividade e das heterogeneidades inerentes a qualquer grupo.

1.3.2.3 – Recursos compartilhados

O repertório de recursos compartilhados reflete o histórico das interações dos membros de uma comunidade de práticas. Em outros termos, isto diz respeito

aos recursos mobilizados pelos sujeitos na interação para a construção do significado social. Esta é a terceira propriedade que constitui uma comunidade de práticas. Os elementos do repertório são heterogêneos. Os recursos de que os sujeitos lançam mão nas negociações coletivas não são de uma única natureza. Se analisados separadamente, as negociações podem ser vistas como um conjunto de atividades distintas e incoerentes. Tais recursos, porém, ganham coerência e funções definidas quando analisados no contexto de negociação de um objetivo comum. Esses recursos incluem discursos, rotinas cotidianas, símbolos, artefatos, gestos, além, é claro, de recursos lingüísticos.

The repertoire of a community practice includes routines, words, tools, ways of doing things, stories, gestures, symbols, genres, actions, or concepts that the community has produced or adopted in the course of its existence, and which have become part of its practice. The repertoire combines both reificative and participative aspects (Wenger, 1998: 83).

As negociações ocorridas através dos recursos compartilhados é o fator que permite aos membros de uma comunidade se diferenciarem. Ao operarem eficientemente como os recursos compartilhados, os membros tornam-se mais ou menos ativos no processo de negociação. A aquisição e o uso dos recursos promovem variações entre o status dos membros. Conforme salientam Holmes & Meyerhoff (1999: 176), “the basis of this variation lies in how successfully an individual has acquired the shared repertoire, or assimilated the goal (s) of joint enterprise, or established patterns of engagement which others”.

O repertório de recursos compartilhados entre os participantes das atividades do CCA inclui não só as diversas e heterogêneas competências lingüísticas dos sujeitos (apesar das dificuldades de, por exemplo, acesso lexical ou de articulação fonético-fonológica), mas também gestos, *promptings*⁴ orais, uso da escrita e desenho, pausas longas entre as passagens de turno e hesitações.

O histórico do grupo também faz parte do repertório de recursos compartilhados, já que os participantes do CCA também compartilham informações sobre aspectos da vida pessoal, familiar, de hábitos cotidianos seus e dos outros membros do grupo.

⁴ O *prompting* oral é a pista articulatória; ou seja, é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras seqüências do gesto, que compõem as primeiras sílabas da palavra pretendida (Freitas, 1997).

O uso dos recursos compartilhados durante as atividades do Programa de Linguagem varia de acordo com o grau de severidade da afasia, ou seja, o nível de comprometimento da linguagem. Os sujeitos afásicos que têm um maior comprometimento de linguagem utilizam de forma mais acentuada alguns dos recursos acima mencionados. Os que têm um menor grau de comprometimento também mobilizam tais recursos e ajudam os outros afásicos com maiores dificuldades à participar dos jogos de negociação que ocorrem durante as atividades do Programa de Linguagem.

1.4 – Os contrastes entre os conceitos de comunidade de fala e comunidade de práticas.

A contribuição metodológica que o conceito de CP traz para o campo da Sociolingüística é a de trazer a noção de prática para o centro da discussão sobre a compreensão do comportamento lingüístico e social em grupos, isto é, é o de centrar o foco nas atividades que seus membros desempenham para pertencerem a um determinado grupo. Uma das vantagens que o conceito de comunidade de práticas pode trazer para a Sociolingüística é a possibilidade de capturar o fenômeno lingüístico não isoladamente em unidades de análises, mas sim de apreendê-lo imbricado nas práticas sociais e cotidianas, onde, sem dúvida, a linguagem ocupa um lugar privilegiado.

Although the notions of speech community and social network have both been very useful in sociolinguistic inquiry, neither directs attention to what people are doing as they engage with one another. It is what people are doing which gives their interactions real bite, and which constructs language and gender (and much more) (Eckert & Mc Connel-Ginet, 1999:190).

O conceito de comunidade de fala foi usado durante muito tempo como uma categoria analítica. Entretanto, o conceito de comunidade de fala toma como base a própria linguagem ou comportamentos ligados a ela como forma de recortar um grupo social. Desta forma, omite-se o caráter heterogêneo inerente a qualquer grupo e, particularmente, o caráter heterogêneo de suas práticas. Eckert (1996) explica o desafio da introdução da prática na teoria sociolingüística, assim

como explica o foco no sujeito na participação de uma construção conjunta do sentido em lugares sociais diferentes.

The challenge of a theory of linguistic practice is to locate the speaking subject within a social unit in which meaning is being actively constructed, and to investigate the relation between the construction of meaning in that unit and the large social structure with which it engages. (Eckert, 1996: 183).

Holmes e Meyerhoff traçam um paralelo apontando os contrastes entre estes dois conceitos, conforme mostra a tabela abaixo:

<i>Comunidades de Fala</i>	<i>Comunidade de Práticas</i>
Normas compartilhadas e normas de avaliação são requeridas	Práticas compartilhadas são requeridas
Membros são definidos externamente	Membros e suas identidades são internamente construídos
Nada a dizer sobre a relação entre identidade individual e uma identidade no grupo	Identidades são ativamente construídas na dependência da personalidade individual e de grupo
Aquisição de normas	Processos sociais de aprendizagem

Quadro baseado em Holmes & Meyerhoff, 1999:179

A comunidade de prática revela-se, então, como o lugar onde a linguagem não é mais “descorporificada” da realidade física dos falantes. Nesta perspectiva, Gee (2005) ressalta que pelas práticas não só podemos apreender os aspectos lingüísticos que constroem significados sociais, mas também as semioses co-ocorrentes que estão inseridas não só na linguagem, mas sim também em toda a prática.

But I am suggesting that at the most basic level things actually work the other way round: one starts with the organization of linguistic means and considers what sorts of social affiliations are built around these means. However it is really not just linguistic means, it is, rather ‘semiotic means’, that is the meaning-making work that goes on around giving and taking meanings from words, symbols, objects, places, or persons (Gee, 2005: 592).

O conceito de comunidades de práticas vem sendo incorporado à literatura da Sociolingüística como uma ferramenta metodológica opcional às tradicionais noções de comunidade de fala. Vale ressaltar que encontramos ensaios versando

sobre o tema em publicações importantes como por exemplo um volume todo dedicado a esse tema da revista *Language and Society*, 1999, vol 28:2, além de artigos no *Journal of Sociolinguistics*, 2005, vol 9:4. O conceito vem se consolidando principalmente em pesquisas que versam sobre a construção das identidades sociais, sobretudo as de gênero, através do significado social que determinados aspectos lingüísticos produzem em meio às práticas sociais de um determinado público. Um trabalho muito interessante é da sociolingüista Penelope Eckert, em *Linguistic Variation as Social Practice* (2000), que revela as marcas de construção da identidade de gênero a partir da observação das práticas de adolescentes em uma *high school* americana.

1.5 – Objetivos e justificativas

Em conformidade com os aportes teóricos do campo da Sociolingüística expostos anteriormente e as singularidades do Centro de Convivência de Afásicos, o objetivo geral desta dissertação é o de elaborar uma descrição de uma das atividades interativas desenvolvidas no CCA, o Programa de Linguagem, segundo as propriedades do conceito de comunidade de práticas, a saber: empreendimento comum; engajamento mútuo e repertório de recursos compartilhados.

Como objetivos específicos, pretendemos: (i) elaborar uma comparação inicial entre os conceitos de comunidade de fala e comunidade de práticas a fim de verificar a viabilidade teórico-metológica do conceito de comunidade de práticas para as análises de interações; (ii) analisar as atividades do Programa de Linguagem com base no conceito de comunidade de práticas a partir das estruturas interativas que moldam as práticas lingüísticas e sociais que ocorrem semanalmente no CCA .

Este trabalho agrega importantes contribuições tanto ao campo da Neurolingüística quanto para a Sociolingüística. A importância da descrição do CCA como uma comunidade de práticas concentra-se no fato de colocar em foco a noção de prática para a compreensão da atividade lingüística e do comportamento social em grupo. Esta descrição, na realidade, permite um tipo de

análise do fenômeno lingüístico que privilegia não as ocorrências lingüísticas isoladas, mas sim o seu funcionamento nas práticas sociais e cotidianas, questão tão cara aos estudos mais recentes de cunho interacional do campo da Sociolingüística.

No campo da Neurolingüística, este trabalho é uma oportunidade para examinar as ações práticas e lingüísticas desempenhadas por sujeitos acometidos por uma séria contração da vida social e individual imposta justamente por limitações de ordem lingüístico-cognitiva e social. Os dados de afasia, agora não só colocados numa perspectiva descritivista e comparativa em relação a uma concepção de linguagem “normal” (ou seja, tida como não patológica) e, conseqüentemente, de um falante ideal, possibilitam análises que contemplam o caráter interativo, social e cognitivo da linguagem.

Este trabalho, ao ser uma descrição que aprofunda a análise das interações e da organização do CCA, contribui para a literatura, ainda relativamente escassa, sobre a questão das afasias e suas implicações vistas por meio de um viés pragmático. Em outras palavras, uma abordagem voltada para as práticas comunicativas dos sujeitos, considerando-os como sujeitos ativos nas práticas interacionais e rompendo, assim, com os tradicionais estudos da linguagem sobre a afasia interessados em compreender as suas características lingüísticas a partir da análise de unidades isoladas e sem considerar as práticas de linguagem no curso das interações entre sujeitos afásicos e não afásicos.

O Centro de Convivência de Afásicos

2.1 – Descrição do CCA

Fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas e o Departamento de Lingüística do Instituto de Estudo da Linguagem, ambos da Unicamp, o Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA) surgiu em 1990 com o intuito de “desmedicalizar” os tipos de intervenções terapêuticas e clínicas que eram então oferecidas aos sujeitos afásicos, proporcionando a eles uma abordagem clínica diferente dos moldes tradicionais⁵. Nas palavras de Morato, o objetivo do CCA procura:

desmedicalizar o entendimento das afasias, de abrir possibilidades de estudos neurolingüísticos num contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de estabelecer um espaço de reflexão entre pesquisadores e afásicos e seus familiares em torno dos impactos psico-sociais da afasia. (Morato, 2005:245).

O CCA foi concebido como um espaço de interação, como um espaço para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos de forma a contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração social dos afásicos pela

⁵ Para maiores discussões sobre as abordagens clínica-terapêuticas das afasias como também o quadro seu quadro semiológico conferir os trabalhos de Coudry (1988) e Novaes-Pinto (1999).

convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual se envolvem pesquisadores, alunos de pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que freqüentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

As afasias, *grosso modo*, são seqüelas na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), um traumatismo crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que estas seqüelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem. As dificuldades afetam a linguagem em seus vários níveis: no nível fono-articulatório (a dificuldade de articular e produzir sons), no nível sintático (a dificuldade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente”); no nível lexical (dificuldade de acesso às palavras) e no nível semântico (dificuldades de produção e interpretação do sentido dos enunciados). Morato (2001) exemplifica as dificuldades que os diferentes tipos de afasia acarretam:

Do ponto de vista lingüístico (língua oral e escrita), podem-lhe faltar as palavras de maneira importante (anomias, dificuldades de selecionar ou evocar palavras), o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de partes delas (são as parafasias que têm diversas naturezas: fonético-fonológicas, semânticas, morfológicas), longas pausas ou hesitações, muitas vezes seguidas de desalento, abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; pode também acontecer de sua fala resultar muito laboriosa (alterações apráxicas, fono-articulatórias) ou ter um aspecto “telegráfico”, em função de dificuldades de ordem sintática (como o agramatismo) ou semântico-lexical (como as dificuldades de encontrar as palavras) (*Op. cit.* 155).

Apesar de as afasias acometerem os sujeitos em diferentes graus de severidade, e deixá-los, sem dúvida, em uma situação instável do ponto de vista lingüístico, cognitivo e social, geralmente, o afásico não perde a memória sobre os vários usos e funcionamentos da linguagem nas situações cotidianas, tais como a interpretação de provérbios e expressões idiomáticas usadas no dia-a-dia. Não se

pode negar as sérias implicações que a afasia acarreta na vida dos sujeitos em vários sentidos. Entretanto, há de se considerar as possibilidades que os afásicos preservam de agir sobre os recursos que lhes restam para interagirem e produzir de outras maneiras seus discursos (Camerin, 2005).

As interações do CCA instigam-nos, justamente, a investigar os aspectos sociolingüísticos envolvidos na organização interativa do grupo e, principalmente, nas práticas sociais e lingüísticas em que os sujeitos cérebro-lesados estão inseridos. Assim, temos a possibilidade de compreender o funcionamento das patologias da linguagem através da inserção dos afásicos numa estrutura interativa que busca evocar práticas cotidianas de linguagem. Desta forma a questão da afasia ganha outros contornos:

A afasia é basicamente, uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis lingüísticos, isto é à língua. Envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma maneira a ela associados: envolve, dessa maneira, as práticas lingüísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativamente humanas (Morato, 2000: 13).

Os trabalhos desenvolvidos no CCA se pautam epistemologicamente por uma abordagem sócio-cognitiva da linguagem. Conceber a linguagem a partir desta concepção sócio-cognitiva, interacionista, possibilita um ganho no entendimento das relações entre linguagem e cognição por situar a compreensão das práticas psico-sociais que envolvem a linguagem patológica no terreno da “cognição situada”, local e historicamente. A concepção de cognição aqui referida é abordada por Mondada & Pekarek da seguinte forma:

A cognição pode ser compreendida como situada em dois sentidos: de uma parte, ela pode ser considerada como enraizada na interação social (Rogoff, 1990); de outra parte, ela pode ser compreendida como estando ancorada nos contextos institucionais e culturais mais largos (Cole, 1994 et 1995; Wertsch, 1991a et b); a abordagem sócio-cultural procura reunir esses dois aspectos em um modelo coerente (...) A atividade, enquanto processo dinâmico situado nas estruturas sócio-históricas, encontra-se assim apresentada como ponto de partida para o estudo do funcionamento mental. Nesses termos, encontra-se ao mesmo tempo estabelecida a concepção de cognição como prática, distribuída, emergente das atividades locais, que não somente se opõe à sua modelização tradicional e individualizante em termos de interioridade e de intencionalidade, mas que, mais geralmente, se recusa à separação entre o que relevaria do domínio do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e do que relevaria do domínio da atividade coletiva, interativa e social (Mondada & Pekarek, 2000: 154-5, *apud*, Morato, 2004).

Se a cognição está enraizada na interação social, os estudos sociolingüísticos de cunho interacional são de grande valia na compreensão da dimensão cognitiva da linguagem. A análise das interações revela, entre outras coisas, a maneira como os falantes se coordenam para fazer algo junto, utilizando simultaneamente recursos, individuais, cognitivos e recursos sociais (Clark, 1992).

2.2 – Os integrantes do CCA

2.2.1 Os sujeitos afásicos que freqüentam o CCA

A descrição a seguir dos sujeitos afásicos e não afásicos foi realizada com base nas pesquisas de Cazelato (2003), Macedo (2005) e Tubero (2006), e na observação dos dados referentes ao ano de 2004 que compõem o banco de dados do acervo de interações entre sujeitos afásicos e não afásicos do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação: estudo de práticas lingüístico-interacionais no contexto patológico” (Laboratório de Neurolingüística / IEL-UNICAMP). As descrições sobre os sujeitos afásicos incluirão informações sobre suas histórias de vida, sobre o evento neurológico e as implicações lingüísticas para cada um deles e observações sobre os tipos de participação no curso das interações do CCA. As descrições sobre os sujeitos não-afásicos focarão fundamentalmente a formação profissional de cada um dos pesquisadores, um breve histórico sobre suas participações no CCA e os tipos de participação no curso das interações do CCA.

SP

SP é um senhor de 73 anos, de origem italiana, que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo

temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia⁶ à direita.

Segundo SP, o terceiro de oito irmãos, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês e, ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações⁷ e parafasias⁸ verbais e fonológicas *etc.* No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Quando o turno lhe é dirigido, implícita ou explicitamente, raramente deixa de tomar a palavra, sempre tecendo comentários explicativos sobre conflitos e acontecimentos ocorridos na Europa quando isto se torna tema de debate do grupo.

Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit lingüístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem como

⁶ Paralisia muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente um o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

⁷ Tendência de repetir o mesmo enunciado verbal em resposta aos diferentes estímulos (Rapp, 2001).

⁸ Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados (Reisdorfer, 2006) .

para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo freqüentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

SI

SI tem 66 anos, é nissei (paulista), casada e mãe de quatro filhos. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico (até a quarta série do primeiro grau). Ela trabalhou no meio rural durante quase toda a vida.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido japonês, sempre falou português. Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita, no entanto, após o AVC perdeu esta capacidade.

SI sofreu um AVC hemorrágico em 1988. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, apraxia⁹ buco-facial e construcional, discalculia, paralexias (leitura assemântica).

Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente toma iniciativa de participar das discussões ou de introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado, por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade muito próxima.

Na concepção de SI, o CCA tem um forte caráter de “escola” (cf. Tubero, 2006). Ela considera a atividade de linguagem como uma aula, e os momentos do

⁹ Apraxia é geralmente definida em termos clínicos como perturbação dos movimentos proposicionais e da agilidade motora adquirida, que não pode ser atribuída a um problema motor primário ou a um déficit de compreensão (Boetz, 1987, *apud*, Freitas, 1997).

café como a hora do recreio. Talvez seja por este motivo que ela apresenta, na maioria das vezes, uma postura de expectadora durante as atividades do grupo. SI frequenta o CCA desde 1990.

EF

EF era natural de Uauá (BA), casado e pai de três filhos. Residia já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade era superior, tendo feito o curso de Direito. EF era hipertenso e, em 21/12/88, apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da Unicamp (Campinas - SP). Observou-se hemiplegia à direita com predomínio em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico embólico. Na época, EF passava por grandes dificuldades profissionais e vivia um período particularmente tenso de sua vida, trabalhando em São Paulo.

Sua linguagem espontânea foi reduzida a estereotípias (“não, não”; “au-au”), utilizada em todas as situações comunicativas. Identificaram-se também problemas práxicos envolvendo os níveis lingual, labial e sub-glótico, que o impediam de executar movimentos voluntários sob comando. O diagnóstico neurológico inicial foi “afasia de Broca, predominantemente eferente”.

A produção oral de EF estava restrita à emissão de palavras isoladas, apresentando o que na literatura é chamado de “estilo telegráfico”. A articulação da fala era difícil, gerando seqüências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa. Além disso, na maioria das vezes, EF necessitava de *prompting*¹⁰ oral para produzir os itens que desejava produzir e também recorria freqüentemente à escrita como apoio para comunicar o que desejava ou para dar a entender os sentidos que produzia ao falar.

Apesar do severo comprometimento de sua produção verbal, EF participava ativamente das discussões do grupo. Não são raras as ocasiões onde as inserções de EF realizadas por meio de elementos não verbais contribuíam significativamente para o desenvolvimento tópico. EF também produzia

¹⁰ Conferir a nota 3 do capítulo 1.

vocalizações, e algumas palavras curtas, durante o turno de outros participantes, o que funcionava como sobreposições de turno, demonstrando seu engajamento nas discussões do grupo.

Nas ocasiões em que EF não conseguia se comunicar verbalmente, ele valia-se dos gestos, além de fazer uso da escrita e desenhos para tornar compreensível e relevante seu envolvimento nas atividades de linguagem.

EF participava do CCA desde 1990 e tinha uma relação de familiaridade como os pesquisadores e outros afásicos do grupo. Faleceu aos 74 anos, em dezembro de 2004.

MG

MG é uma senhora brasileira, de 58 anos, nascida em 04/04/1948, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando seqüelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia¹¹ à direita e apraxia oro-facial.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial).

Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilingüísticas, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder a processos inferenciais.

¹¹ Perda da força muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são freqüentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que muitas vezes servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical.

Como mantém um imóvel de veraneio em Bertioga, MG viaja com freqüência para o litoral durante os feriados prolongados. MG demonstra ter uma boa relação com os familiares, especialmente os sobrinhos. De uma forma geral, MG é uma senhora atuante, tanto fora quanto dentro do CCA; há pouco tempo atrás conseguiu tirar habilitação para dirigir e adquiriu um automóvel adaptado às suas necessidades. MG integra o CCA desde 2001.

JM

JM é um senhor brasileiro de 76 anos, destro, casado, nascido em 04/03/1933 na cidade de São Paulo (SP). JM tem o segundo grau completo e fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone).

Atualmente, JM faz curso de marcenaria, especializando-se em marchetaria, o que o tem deixado bastante satisfeito. Em 17/11/2000, JM teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital das Clínicas da UNICAMP em 23/09/2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica.

JM gostava de ler revistas, além de jornais (os quais hoje ainda assina e lê) e livros policiais. Escrevia bastante “Telex” e cartas para clientes, mas não outros tipos de textos. Hoje, após o AVC, diz não mais conseguir ler e apreciar a leitura. JM apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ou parafasias e contaminações. JM apresenta

dificuldades fono-articulatórias, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória.

JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Ele sempre participa das discussões agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Sua presença no CCA não é muito freqüente, talvez devido ao fato de residir em São Paulo. Freqüenta o CCA desde 2001.

NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, de 48 anos, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita.

No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região. Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

A principal “marca” de NS no CCA é a sua espontaneidade. Ela sempre participa das atividades demonstrando de forma clara sua percepção a respeito de fatos, acontecimentos que se tornam tópico das discussões. NS têm fortes vínculos com a família, especialmente com uma das filhas e neto que moram em sua casa, e, freqüentemente, produz narrativas sobre o cotidiano de sua família. Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, e realiza repetições para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido. NS mantém uma relação estreita de amizade com SI, e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

MS

MS é um senhor brasileiro, destro, 61 anos, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. MS frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o exterior. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais.

Após o AVC, MS apresenta, como seqüela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Atualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria¹² leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro.

A participação de MS nas atividades ocorre de forma muito descontraída. Ele é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS é autor de um “bordão” (“ma-ra-vilha”) já bastante utilizado pelos demais integrantes para expressar ênfase em determinadas situações. Demonstra ter bastante familiaridade com os sujeitos do grupo, apesar de contar com menos tempo de permanência no grupo, integrando o CCA desde 2004.

¹² A disartria abrange um grupo de alteração da fala que são resultantes de transtornos do controle muscular causadas por uma lesão do SNC ou periférica, havendo um certo grau de lentidão, incoordenação ou alteração do tônus muscular que caracterizará a atividade do mecanismo da fala (Rapp, 2001).

MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, de 79 anos, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira do Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico apresentado nesse hospital, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

MN reside junto com o seu único filho. Ela demonstra ter um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo freqüentes seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar este descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Freqüenta o CCA desde 2002.

2.2.2 Os sujeitos não-afásicos que integram o CCA.

Pesquisadora EM

Edwiges Maria Morato é professora do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas Unicamp. Possui graduação em Lingüística pela Unicamp e em Fonoaudiologia, pela PUC Campinas. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Unicamp na área da Neurolingüística. Atualmente, orienta pesquisas nesta área e estudos que envolvem as relações entre linguagem e cognição, atuando principalmente com os seguintes temas: afasia, memória, neurodegenerescência, significação, interação, referenciação e metalinguagem.

Nas interações do CCA, a professora Edwiges coordena as atividades do Programa de Linguagem. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa introduzindo os

tópicos e distribuindo os turnos ao requerer dos afásicos a participação deles nas discussões do tópico. A professora integra a equipe do Centro de Convivência de Afásicos desde 1989, e coordena o grupo aqui analisado desde 2001.

Pesquisadora HM

Heloisa Macedo é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela PUC-SP e doutora pela Unicamp na área de Neurolingüística. Em seu doutorado, Heloísa foi orientada pela professora Edwiges Morato e abordou os processos de refacção textual na linguagem escrita dos sujeitos afásicos.

Durante o seu doutorado, Heloisa passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, em 2004, Heloisa participava dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2005, ela passa a integrar o grupo, participando das atividades do Programa de Linguagem.

A pesquisadora também auxilia na organização dos encontros, na preparação da pauta e dos tópicos e na distribuição dos turnos para garantir a participação dos afásicos nas atividades do Programa de Linguagem. Na ausência da professora Edwiges, Heloisa assume o papel de coordenadora das atividades. Atualmente, Heloísa desenvolve um trabalho de pesquisa pós-doutoral, vinculada ao Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação, coordenado pela professora Edwiges Morato, com uma bolsa de estudos de pós-doutoramento concedida pela FAPESP, período 2007-2009.

Pesquisadora FC

Fernanda Cruz é doutoranda no programa de Pós Graduação em Lingüística – IEL/Unicamp. Desde o seu mestrado, a pesquisadora investiga o funcionamento sócio-cognitivo da memória e dos processos lingüístico-discursivos envolvidos nos quadros de sujeitos com afasia e Doença de Alzheimer.

Inicialmente, entre 1999 e 2000, Fernanda participava das atividades do Programa de Teatro e o Programa de Linguagem na condição de observadora responsável pelo registro áudio-visual dos encontros. Em 2001, Fernanda passou a integrar o grupo e a participar das atividades do Programa de Linguagem. Devido a sua convivência com o grupo, Fernanda mantém uma relação próxima com os demais pesquisadores e com os sujeitos afásicos.

A participação de Fernanda não é tão comprometida com a função de organizar e coordenar as atividades do Programa de Linguagem. Ela se divide entre as funções de interlocutora nas atividades do grupo, e de responsável pelo registro áudio-visual dos encontros.

Pesquisadora JC

Juliana Calligaris é atriz, com formação em artes cênicas pela Unicamp. Atualmente é também graduanda em Filosofia na mesma universidade, e desenvolve sua pesquisa de iniciação científica sobre as semioses co-ocorrentes no trabalho de expressão teatral com afásicos, sob orientação da professora Edwiges Morato.

Juliana integra a equipe do CCA desde 2005, sendo responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral. A pesquisadora, nas atividades do Programa de Expressão Teatral, procura integrar os sujeitos afásicos em situações lúdicas e dramáticas que exijam a comunicação, interlocução e o uso das expressões gestuais, vocais e corporais.

Além de ser responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral, Juliana também participa das atividades do Programa de Linguagem. A sua participação nestas atividades é caracterizada pela descontração pela qual ela indaga os afásicos nas discussões dos tópicos, o que acaba sendo uma forma de distribuição dos turnos.

2.2.3 O CCA visto pelos afásicos e pelos pesquisadores.

A constituição do CCA é extremamente heterogênea. Os sujeitos afásicos têm diferentes idades, origens sociais, níveis de escolaridade, graus de

comprometimento neurológico e lingüísticos. Os pesquisadores, apesar de compartilharem os mesmos interesses de pesquisas, têm formações profissionais distintas.

Todos estes fatores provocam, naturalmente, diferentes tipos de participação. Entre os afásicos, observamos que alguns integrantes têm uma postura interativa mais ativa, outros mantêm uma relação amistosa com os demais integrantes devido ao tempo de convívio no grupo e outros, em função do comprometimento de linguagem, se valem mais dos recursos extralingüísticos como os gestos, escrita e desenhos para participarem das atividades do Programa de Linguagem. Entre as pesquisadoras, o tipo de participação também é distinto. Todas estão, claro, empenhadas no mesmo objetivo: enfrentar o isolamento social e proporcionar aos afásicos situações de uso da linguagem e rotinas significativas da vida social. Entretanto, há pesquisadoras cuja participação fica mais voltada à organização e condução das atividades e outras que não têm esse mesmo tipo de função.

Os traços de heterogeneidade presentes na constituição do grupo, nas formas de participação não impedem que os integrantes do grupo reconheçam o papel que cada um exerce no grupo, e também o papel do CCA no cotidiano individual. Em um dos encontros do grupo, NS relata as dificuldades de comunicação e interação impostas pela afasia. Ela comenta que mesmo com as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela “só um pouquinho”. O trecho transcrito abaixo foi extraído do livro produzido pelos integrantes do CCA intitulado: “Sobre as afasias e os afásicos: subsídios práticos e teóricos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos”.

NS: (após comentar que mesmo as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela “só um pouquinho”) Sabe por que, não sabe? Eu num falo, sabe...Sabe por quê? A fala num deixa.(...)” Eu quero conversá, eu quero conversá, por que você num escuta?” Né, aí ele falou: “Ah, que foi, que foi?”. Depois, (...) ele tá assistindo também....Depois: “Ah, vou durmi, vou, durmi”.

FC - E aqui no CCA, você acha que conversa?

NS: AQUI? Nossa Senhora! Aqui? Lá em casa eu sei...sozinha (...). Luana: “N, tal, N tal, tal”, conversando, errado, certo...Eu converso, né!

Esta fala de NS exprime a situação com a qual os sujeitos se deparam após o evento neurológico: a dificuldade de interagir, de se comunicar com os familiares

e pessoas próximas. Diante desta situação, o CCA constitui um espaço onde é possível conversar, interagir e, principalmente, compartilhar experiências pela convivência. É um lugar de “encontro que não significa necessariamente, o encontro absoluto entre seus interlocutores, mas justamente a diferença de pontos de vista, de olhares sobre o mesmo objeto ou sobre a situação de comunicação” (Tubero, 2006).

O CCA também é visto pelos pesquisadores como um espaço de convivência, de interlocução. A pesquisadora Heloisa Macedo define seu papel neste espaço de convivência como “alguém que distribui funções, outras, que media conversas, outras vezes sou uma interlocutora como todos ali. E, quase sempre, procuro observar os fenômenos de linguagem no meu papel de pesquisadora” (comunicação pessoal).

O fato de o CCA ser um centro de convivência e não estar fundamentado sob uma concepção tradicional de grupo-terapia proporciona condições nas quais os sujeitos afásicos podem desenvolver e reestruturar as competências relativas à linguagem através das práticas diferenciadas nele desenvolvidas. As práticas que nele ocorrem o tornam um espaço terapêutico e social. É um espaço terapêutico por que oferece, no âmbito de aparato clínico disponível para a assistência e apoio aos sujeitos cérebro-lesados, uma alternativa terapêutica que visa situar a afasia não somente no campo das patologias, das restrições cognitivas. Assim, o CCA adquire uma sólida dimensão social ao ser uma ação conjunta entre sujeitos afásicos e não afásicos contra a exclusão e isolamento social que afasias acabam por acarretar.

Das práticas interativas surgem ações sociais concretas, tais como a reinserção dos afásicos na vida social, por meio de atividades cotidianas fora do CCA, como, por exemplo, freqüentes visitas à cinemas, exposições de artes e pequenos passeios turísticos. Um produto interessante do histórico de grupo e de suas práticas resultou na elaboração do livro *“Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos”*, que é também uma ação social por divulgar e informar sobre as afasias e seus efeitos psico-sociais, suas conseqüências e responsabilidades; e a busca de

alternativas terapêuticas mais engajadas em termos ético-discursivos, voltadas aos problemas enfrentados cotidianamente pelos afásicos e seus familiares.

2. 3 – As atividades do CCA.

Os encontros do Centro de Convivência de Afásicos acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em um prédio especialmente adaptado para tal finalidade, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem. As atividades do grupo são iniciadas, geralmente, às nove horas, estendendo-se até aproximadamente meio dia, e desdobrando-se em duas partes: o Programa de Expressão Teatral e o Programa de Linguagem.

Freqüentemente, os encontros iniciam com a atividade de linguagem e terminam com a atividade de teatro. Entretanto, verificamos que, às vezes, esta seqüência é alterada. Entre as duas atividades, independentemente da seqüência, existe uma pausa para um “café”. É um momento de espontaneidade, onde os participantes preparam juntos a mesa. O ritual de “comer juntos” evidencia os laços sociais e afetivos do grupo. Esta pausa faz parte da rotina interativa do grupo e marca a passagem de uma atividade para outra. Os encontros duram aproximadamente três horas, sendo que cada uma das atividades têm uma hora e quinze de duração e a pausa para o café cerca de meia hora. Segue abaixo uma descrição geral de cada uma destas atividades.

As atividades do Programa de Linguagem procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo. Em outras palavras, tais atividades constituem um espaço “marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades lingüístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de

significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem” (Camarin, 2005:21).

Na realidade, estas atividades são situações concretas de práticas de linguagem. Longe da formalidade de outros tipos de intervenção com objetivos de natureza médica ou fonoaudiológica, o Programa de Linguagem reproduz contextos de interação verbal que, na maioria das vezes, não fazem mais parte do cotidiano dos afásicos. O regaste de situações que desencadeiam a conversação, considerada um dos pilares da vida social, promove além do exercício das habilidades lingüísticas, a reatualização dos elos sociais e cooperativos inerentes às rotinas humanas. Este é o principal diferencial das atividades de linguagem promovidas no/pelo CCA.

As atividades de linguagem ocorrem, em geral, ao redor de uma mesa, onde os sujeitos estão dispostos numa situação razoavelmente comum: uma reunião informal para uma conversa sobre assuntos de interesse do grupo. O evento comunicativo “reunião” caracteriza-se pelo fato de se pressupor o direcionamento das atividades, sendo que a responsabilidade deste direcionamento recai sobre um (ou mais) participante (s) envolvido (s) nessa atividade. A figura abaixo ilustra a disposição dos participantes durante a interação.



Fig 1: Disposição do integrantes do CCA durante as atividades do Programa de Linguagem. No sentido horário: EF, MS, HM, SP, MN, EM, SI, NS e MH.

O Programa de Expressão Teatral, coordenado por uma profissional da área (atualmente, JC, desde 2003), consiste em resgatar nos sujeitos afásicos os movimentos e a expressão corporal muitas vezes atingida pelos danos neurológicos. Estas atividades têm um tom lúdico, no interior das quais os afásicos, juntamente com o profissional de teatro, se lançam “em um jogo semiológico” de forma interativa: diálogos, monólogos, jogos dramáticos, práticas de comunicação verbal e não-verbal (movimentos corporais, expressão facial), realizadas conjuntamente pelos alunos-atores).

O objetivo destas atividades é proporcionar aos afásicos a experiência da descoberta e redescoberta de suas potencialidades. A possibilidade do trabalho teatral com o sujeito afásico foi justamente fazê-lo compreender que pode lançar mão de várias semioses concomitantes, complementares, constitutivas, alternativas e compensatórias para se expressar neste mundo e com seus pares, pois outros sistemas simbólicos, afora a língua, também significam. “O surgimento e a tomada de consciência da co-ocorrência de semioses pôde desenvolver, ao

mesmo tempo que a singularidade expressiva do sujeito, a tomada de consciência deste sujeito em relação à sua participação em sociedade.” (Calligaris, 2007: 13)

A dinâmica do Programa de Expressão Teatral envolve atividades de reconhecimento da organização expressiva da pessoa cérebro-lesada e exercícios constantes de representação e reflexão as atividades e atitudes cotidianas. O Programa possuiu uma estrutura que divide as sessões em seis partes: instalação da proposta de trabalho; aquecimento (vocal e corporal) e exercícios de articulação e projeção da voz; exercícios de expressão corporal; jogos interativos de percepção espacial; jogos interativos de percepção do coletivo e do social; exercícios de criatividade e improvisação, como a proposta de realização de cenas realistas ou absurdas para fins de compreensão do processo interativo e expressivo e, por consequência, do processo teatral (Calligaris, 2007).

2.4 – Descrição do *corpus* e procedimentos metodológicos

O *corpus* desta dissertação foi organizado a partir do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação: estudo de práticas lingüístico-interacionais no contexto patológico”. O acervo deste banco de dados é constituído por gravações em meio audiovisual dos encontros do CCA, que englobam as atividades de Programa de Expressão Teatral e do Programa de Linguagem. Desde meados da década de 90 este banco de dados vem sendo organizado pela equipe coordenada pela Profa. Dra. Edwiges Morato, e, atualmente, o acervo passa por um processo de digitalização e armazenamento que visa a sua disponibilidade em meios virtuais.

Em seu primeiro ano de ingresso no programa de pós-graduação (2005), o autor desta dissertação foi responsável pela transcrição de 15 dos 33 encontros ocorridos no CCA no ano de 2004 no âmbito do Projeto “Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos - CCA-IEL/UNICAMP” (Processo FAPESP 03/02604-9).

Durante o decorrer do processo de transcrição, percebemos que os encontros do grupo tinham algumas regularidades em relação à organização da

reunião, à forma como cada um dos integrantes participavam dos encontros. Desta forma, devido à familiaridade com os dados, selecionamos estes 15 encontros, especificamente as atividades do Programa de Linguagem, para comporem o corpus desta dissertação.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações do já utilizadas nos estudos do projeto NURC e as marcações propostas por Marcuschi (1997) para a análise de textos orais, acrescidos de alguns elementos que salientam aspectos importantes para a análise das situações interativas, como a presença de semioses não-verbais (aspectos proxêmicos, expressão facial, atitudes corporais, gestualidade), fundamentais para a dinâmica interativa das atividades do CCA. Além da influência dos trabalhos desenvolvidos no Brasil acima citados, a transcrição desenvolvida para a construção do corpus do CCA encontra-se inspirada também nos trabalhos de base interacionista como os de Mondada (2003, 2004).

A observação do *corpus* revelou duas estruturas interativas recorrentes que configuram o evento interativo e que, conseqüentemente, estruturam as práticas do CCA. Assim, constatamos que estruturação do evento interativo é um fator determinante para a identificação das propriedades do conceito de comunidade de práticas no CCA.

Em função desta relação entre os conceitos de comunidade de práticas e as estruturas mais recorrentes nos encontros do CCA, selecionamos, dentre os 15 encontros, dados que ilustram a estruturação mais prototípica das práticas do CCA. Nas análises, postularemos que, especificamente, o Programa de Linguagem do CCA configura-se como uma comunidade de práticas em função (i) da recorrência de determinadas estruturas interativas e (ii) da forma como o tópico se desenvolve no curso das interações.

O CCA como uma comunidade de práticas

O que é uma comunidade de práticas? Segundo Wenger (1998), ela pode ser definida a partir de três dimensões: i) o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); ii) o empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado *a priori*, mas um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); iii) o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido.

A nosso ver, o CCA, em suas mais importantes atividades, pode ser definido como uma comunidade de práticas se o considerarmos como um cenário de práticas que possibilitam uma nova relação dos sujeitos afásicos com a linguagem, ou seja, como um cenário de reconstrução da relação do afásico com a linguagem, assim como um espaço de reinserção social destes sujeitos.

Acreditamos que, em muito de seu funcionamento, mas mais especialmente, o Programa de Linguagem do CCA é uma comunidade de práticas porque analisando sua constituição e funcionamento temos: i) o engajamento mútuo, isto é, compartilhamento das formas de participação nos encontros regulares do grupo; ii) um empreendimento comum que se traduz até mesmo na denominação do grupo (Centro de Convivência de Afásicos) que é o de promover

a convivência dos afásicos através de ações diversas negociadas no interior de suas práticas; iii) um repertório de recursos compartilhados ativamente utilizado nas interações do grupo, seja para construção conjunta do sentido, seja para a manutenção do empreendimento comum.

Além das três propriedades essenciais de uma CP, Wenger menciona algumas características próprias das interações cotidianas e regulares e que estão presentes nas comunidades de práticas justamente por causa de um repertório de recursos interativos consolidados por meio de rotinas interativas. Tais características encontram-se também nas estruturas das interações no CCA. São elas:

- Manutenção de relações mútuas – sejam harmoniosas, consensuais ou conflitantes;
- Rápido fluxo de informações e propagação daquilo que é novo – inovação;
- Ausência de preâmbulos introdutórios, como se a conversação e a interação fossem uma mera continuação de um processo em desenvolvimento (ou em evolução);
- Rápida definição de um problema a ser discutido;
- Substancial coincidência de características entre os membros que pertencem à comunidade;
- Conhecimento do que os outros conhecem, do que eles podem fazer e de como cada um pode contribuir para um dado empreendimento;
- Identidades definidas mutuamente;
- Habilidade em acessar a adequação de ações e produtos;
- Instrumentos específicos, representações e outros produtos;
- Conhecimentos regionais, histórias compartilhadas, “gozações” que são compreendidas no interior do grupo, saber rir;
- Uso de jargão e atalhos para a comunicação como também a facilidade de produzir novos jargões;
- Estilos reconhecidos como indicadores de pertencimento ao grupo;
- Um discurso compartilhado que reflete uma determinada perspectiva ou ponto de vista do mundo.

As características apontadas acima não são necessariamente fatores que constituem uma comunidade de práticas. Na verdade, estas características fazem parte de um repertório de recursos acumulados através do tempo, isto é, fazem parte da história do grupo e de suas práticas. Os recursos lingüísticos deste repertório são na realidade uma gama de aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos que os sujeitos afásicos mobilizam ao estarem inseridos nas práticas interativas do CCA.

O ganho metodológico que o conceito de comunidade de práticas traz para esta pesquisa é a possibilidade de analisar as atividades do grupo, focando especificamente em suas práticas sem promover a homogeneização dos membros do grupo. Em outras palavras, ao elegermos as práticas como nosso *locus* da análise, não mascaramos a heterogeneidade que marca profundamente a constituição do CCA, como vimos na descrição dos sujeitos feita no item 2.2.

Este ganho permite-nos entrever, em meio às práticas, as distinções de diversos fatores tais como os de ordem socioeconômica, de escolaridade, de culturas, até mesmo de nacionalidades, além das diferenças entre os sujeitos em função dos diferentes tipos afasia e comprometimentos de linguagem. Em suma, a heterogeneidade é um traço marcante do CCA, fator que algumas vezes se apresentou como um problema para as teorias sociolingüísticas e suas respectivas categorias analíticas.

As atividades do Programa de Linguagem configuram-se como uma reunião. O evento interativo reunião pressupõe o direcionamento das atividades por um dos integrantes e a existência de uma pauta que organiza a ação. Durante o desenvolvimento do evento interativo “reunião”, observamos a emergência de dois diferentes enquadres interativos recorrentes. Segundo Tannen & Wallat (1987/2002), o conceito de enquadre interativo refere-se ao:

que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (movimento ou gesto) poderia ser interpretada. Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber dentro de qual enquadre ela foi composta: por exemplo, será que é uma piada? será que é discussão? Algo produzido para ser uma piada mas interpretado como insulto (certamente podendo significar ambos) pode originar uma briga. (...) A noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual o sentido os falantes dão ao que dizem. Dado que esse sentido é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam na interação, os

enquadres emergem das interações verbais e não verbais e são por elas constituídos (p.188-89).

Os participantes de uma interação como, por exemplo, de uma “reunião do CCA” são capazes de perceber as alterações na estrutura interativa que provocam a emergência de novos enquadres durante a interação. A consequência da emergência desses novos enquadres interativos é a modificação da estrutura de participação e das formas de desenvolvimento do tópico.

As estruturas de participação dizem respeito aos direitos e obrigações dos participantes que são redistribuídos em novas configurações no decorrer da interação. Desta forma, as estruturas de participação não são constituídas *a priori*, elas englobam as maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno na fala e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido, que culminam nas reorientações significativas de posições dos falantes (Erickson & Shultz, 1981/2002).

As formas de desenvolvimento do tópico dizem respeito a quem o instaura e os conduz mediante a estrutura de participação vigente. Estes dois fatores estão atrelados ao tipo de enquadre interativo que se estabelece durante a discussão. A emergência dos enquadres e a alteração na estrutura de participação e na forma de desenvolvimento do tópico afetam sensivelmente o engajamento dos sujeitos afásicos na atividade, e também a negociação em torno do empreendimento comum do grupo. Identificamos dois enquadres diferentes durante as reuniões do grupo: discussões sobre um tema específico e relatos/comentários do cotidiano ou da experiência como afásico. O diagrama a seguir ilustra o quadro geral das interações do CCA.



A principal característica do enquadre *discussão* é a regularidade do desenvolvimento interacional proporcionada pelo direcionamento claro dado pelas pesquisadoras, direcionamento este que pode ser percebido pelo tipos recorrentes de ações praticadas por elas: a introdução de um tema previamente selecionado, seguido de esclarecimentos didáticos sobre o tema para aqueles participantes que não o conhecem muito claramente e a condução da discussão por meio da distribuição de turnos.

Segundo Vion (1992), a *discussão* constitui um tipo de interação regido pelos princípios da cooperação e da competitividade. O equilíbrio entre dois elementos produz dois tipos distintos de discussão: as discussões cooperativas orientadas na busca de consensos e as discussões conflituosas orientadas na disputa e exacerbação de diferenças (Tubero, 2006). Acreditamos que nas interações do CCA há o predomínio das discussões cooperativas, porém, existem também discussões conflituosas em que as diferenças no interior do grupo são ressaltadas.

No encontro de 25/03/2004, o primeiro tema da pauta foi a questão, muito polêmica na época, em torno da quebra de um contrato publicitário que envolvia o

sambista Zeca Pagodinho e duas famosas marcas de cerveja. Este fato teve repercussão nacional porque uma das marcas de cerveja ofereceu uma grande quantia de dinheiro para que o sambista imediatamente deixasse de fazer a propaganda da concorrência, além de arcar com os custos da rescisão contratual.

Houve um amplo debate a respeito da conduta do cantor que possibilitou a emergência de duas posições argumentativas: uma contra Zeca Pagodinho, por sua atitude de ter violado um contrato comercial, mas também valores éticos e morais; e uma outra atitude, favorável à atitude do cantor, por esta se caracterizar como uma estratégia comercial ousada e lucrativa para uma das marcas de cerveja e para o cantor. Todos os desdobramentos deste debate foram alvos de uma intensa cobertura da imprensa.

Exemplo 1¹³:

1 **EM**:...gente olha tem um outro assunto também que eu acho durante a semana fiquei sabendo...fiquei também achei uma coisa muito importante...então vocês viram propaganda na televisão...propaganda na televisão..pois é

2 MG: [vimos

3 JM: a é...da Ambev né

4 **EM**:...da Ambev...fui cortar meu cabelo e li numa porção de revista falando bem e falando mal do Zeca Pagodinho ((todos se manifestam))...ele fez uma propaganda

5 JM: (SI)

6 **EM**: eu (SI) ((risos de todos, nesse momento o áudio é prejudicado))...quando a gente vai no cabeleireiro a gente fica olhando revistas tipo Caras...e ouvindo todas lá né...e aí fala ô gente...o Zeca Pagodinho...conhece ele seu S?

7 SP: [(não)

8 MG: conheço

9 **EM**:...um sambista brasileiro...conhece né dona N...era...ele um notório bebedor da cerveja Brahma e fez

10 MN: [conheço

11 **EM**: propaganda falando bem...e recomendado né...uma outra cerveja que não Brahma a...como chama?

12 JM: Schincariol

13 **EM**:...é da Schincariol chamada Nova Schin...ele tinha um contrato com essa Nova Schin que dizia que ele tinha que beber publicamente essa cerveja Nova Schin...fazer a propaganda na televisão...e que acontece...ele rompeu esse contrato...e começou a fazer propaganda da cerveja...a outra...a Brahma..por três dizem....por três milhões

14 JM: [a:::o contrato

15 **EM**: então ele fez uma...ele quebrou o contrato e aí o povo começou a cair em cima dele...dizendo assim que ele tinha traído o contrato dele.. e dizia assim....ele se fazendo de coitado também...vocês viram isso...e na televisão ele cantando um samba dizendo assim olha né...depois que ele rompeu com essa cerveja Nova Schin...diz assim olha...a mesma coisa de você ter aí um amor de verão né...a gente tem um amor de verão e depois volta para o amor antigo...e é a mesma coisa que aconteceu comigo...voltei para a Brahma...com três milhões de dólares ((risos)) e aí tá uma

16 **HM**: [mais aí é lá que ele faz pagode

17 **EM**:...encontrei alguns amigos assim homens que tão com essa coisa na cabeça...não sei se é por que ele ganhou três milhões de dólares ((risos))

18 **ET**: [e vai continuar tomando Brahma

¹³ Apenas para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, optaremos por colocar sob negrito as iniciais dos pesquisadores que estão presentes nos encontros do CCA que compõem o *corpus* desta dissertação.

((todos riem e falam ao mesmo tempo))

19 **FC**: mais aí tem uma outra propaganda da Nova Schin que com... ficou com muita raiva que o Zeca Pagodinho fez isso

20 **EM**: ah é e aí

21 **FC**: e aí propaganda da Nova Schin é assim...tem um cara..tem dois caras numa mesa de bar conversando...e o cara atrás que é a cara do Zeca Pagodinho

22 **EM**: [um sócia

23 **FC**:...isso...A CARA

24 **EM**: [o ator que faz (SI) ((risos))

25 **FC**:...do Zeca Pagodinho...e o cara tá sentado atrás....e os dois estão conversando e aí um fala assim pro outro... mas ó...fala aí por um milhão de dó/um milhão de reais você fazia ou não fazia propaganda pra outra ((risos dos outros integrantes))...aí o cara fala eu não fazia não...e por dois milhões...não fazia não troco minha cerveja por nada...e por três milhões...bom pera aí ((risos))...pensando bem...aí o outro bate no cara que é igual ao Zeca Pagodinho...a:::por três milhões vale a pena

26 **MG**: é::: foi (três milhões)

27 **EM**: três milhões...a gente fica apaixonado né

28 **MG**: é fica

29 **HM**: três milhões

30 **MG**: (fez muito primeiro)..fez muito bem

31 **EM**: você acha?

32 **MG**: fez muito bem

33 **EM**: por que a Nova Schin tá dizendo que ele não foi ético...porque ele quebrou o contrato sem avisar sem nada

34 **MG**: a::: i:::

-----> ((gesticula os braços, indicando descaso))

35 **EM**: é... você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí?

36 **MG**: [eu também acho

37 **HM**: você acha?

38 **MG**: eu acho ((EF ri))

39 **EM**: e aí seu M?

40 **JM**:a:::a associação de cer-vejas...com todas as...cer-vejarias do mundo...só...vai levantar...em...euros do país

41 **EM**: [sei

42 **EM**: que Brahma agora então ...é uma cerveja internacional

43 **JM**: exatamente (3s) só vai... le...levantar e:::m euros do país...na:::da...do

44 **EM**: entendi

45 **JM**: o país... eu...euros né

46 **EM**: [na Europa é euro

47 **JM**: [isso...euros o país

48 **FC**: [ela é holandesa não é...a Ambev

49 **JM**: [exatamente

50 **FC**: a Ambev é holandesa

51 **EM**: e essa Nova Schin é aqui de Itu né...a Schincariol...((EF faz sinal de concordância com a cabeça)) bom...o argumento (em torno) da discussão é esse...será que ele fez bem?

52 **MG**: eu acho que ele fez muito bem

53 **JM**: por que...que você acha?

54 **MG**: a::: quem tem dinheiro... tô comigo ((risos de todos, MG fala com HM (SI)))

55 **EM**: agora ele vai ter que arcar com os custos da quebra do contrato...agora...quem é que vai arcar com os

56 **JM**: [exatamente

57 **EM**: custos...ele próprio ou a Brahma...que convidou ele pra fazer a propaganda e portanto...talvez fique com o ônus da quebra da quebra do contrato

((SP emite verbalizações para FC a respeito da nacionalidade da multinacional Ambev, não foi possível transcrever esse segmento pois ele é enunciado simultaneamente com o segmento acima de EM))

58 **FC**: ela é belga... isso mesmo é belga...a Ambev é belga

59 **MG**: [muito bem

60 **JM**: bel...belga

61 **FC**: Bélgica Holanda é tudo aqueles países ((risos de todos))

62 **EM**: é belga a cer/ tá.. então é um pouco isso...isso aí fica uma discussão por que ele tá assim...é moral esse

63 **JM**: [é belga

64 **EM**: negócio...é comercial um pouco

65 **MG**: [é um so:::

66 **EM**: fala em traição...a Nova Schin fala que fala que...fala que o Zeca Pagodinho traiu... né o contrato
67 MG: [é::: [não...ele fez muito bem
68 **EM**: entendeu...é de traição que também fala o samba né...pelo qual ele explica o que que ele fez...fala olha eu sei que (amo) você a Brahma mas foi a Nova Schin...((FC canta um trecho do jingle da propaganda em questão)) como alguém que vem e volta depois...a cara da dona N...não gostou ((risos de 69 EM)). **FC** canta um trecho do jingle da propaganda em questão))
70 MG [você (é a favor?)
71 **FC**: eu não sou não...eu acho que o Zeca Pagodinho pisou na bola
72 MG: [pisou e você pisou?
-----> ((aponta o dedo em direção a HM e NS, aparentemente MG pergunta primeiro para HM e depois para NS))
73 **EM**: [mas é
essa a discussão ãh
74 MG: ...por que?
75 JM: e você:::acha
76 MG:e...eu acho que sou...nor-mal ((risos))
77 JM: imagina uma coisa...se se...o seu...tra-balho anterior...você contratasse um cara...pra todos os serviços no interior e tal...etc e tal a... a...a...escrita...todos todos os os...papéis...e...imagina também a...não não vai ser...vou fazer com outro
78 **FC**: (SI)
79 MG: é...ser-viço
80 **EM**: isso é serviço né
81 MG: é serviço
82 **EM**: olha essa reportagem que saiu ((mostra o jornal)) na Isto é...ela diz assim pagode dá discórdia...é o nome da matéria...aí o (3s) ((procura algo na revista)) a pessoa aqui da – olha olha aqui – da Nova Schin...da cerveja Nova Schin ela diz que o contrato foi abandonado pelo Zeca Pagodinho diz o comercial é aquele que ele fez que ele canta o samba e fala olha meu problema foi esse assim como você tem o amor de verão e volta para o amor antigo a mesma coisa eu eu fiz a propaganda da Schin e agora voltei para a Brahma né...comercial não foi por amor coisa nenhuma...foi por dinheiro ((todos se manifestam)) e aí o cara lá da ...Brahma diz assim Zeca fez um trabalho profissional...ó...((mostra a revista)) Zeca fez um trabalho profissional como atrizes e atores fazem...que pode romper com o contrato que é eles que arquem... e ele está arcando com o rompimento do contrato...só que não é ele tá que tá – como o senhor tá falando – não é
83 JM: [é esse aqui
84 **EM**: que arca com o rompimento...por que tem custo você romper com um contrato...é a Brahma
85 JM: [exatamente
86 JM: será que é a Brahma?
87 **EM**:...aqui diz que é a Brahma..então...por que são dezoito milhões...e o rompimento de contrato...é muito
88 JM: [é
89 MN: [nossa senhora
90 MN: dezoito milhões
91 **EM**... [de reais...ah...a Brahma tá achando que vale a pena tirar o Zeca Pagodinho do concorrente...por que é uma concorrência..então ela acha assim que tirando o Zeca Pagodinho da concorrência trazendo ele de volta para a Brahma...vale dezoito milhões...então é o custo da quebra de contrato dele...ela tá fazendo isso
92 **FC**: mas ao mesmo tempo é um investimento da Brahma por que a repercussão disso o marketing uma propaganda que...voltou a falar da Brahma a Brahma voltou a aparecer...no momento em que é...escondendo o fato que a Brahma agora não é mais um empresa brasileira...então ninguém pensa nisso e só que Zeca
93 JM: [exatamente
94 **FC**: Pagodinho Zeca Pagodinho...ninguém lembra mais que a Brahma não é mais
95 **EM**: [agora o Zeca Pagodinho tá bem contente né eu acho...e se faz de vítima...e agora se faz de vítima carioca da gema
96 HM: é dinheiro muito bem...e o resto que se dane...aí a N falou aqui pra mim...você concorda
97 **EM**: [fala N
98 NS: não não concordo
99 **EM**: você acha que o Zeca Pagodinho tinha que ficar é...honrando o contrato dele com a Nova Schin até o fim
100 NS: isto..eu acho que sim
101 **EM**:...que é até setembro...até setembro a imagem dele teria que estar ligada à cerveja Nova Schin...se ele não quebrasse...o contrato ele tá caindo fora antes...aí tem que pagar uma multa por que tá caindo fora antes
102 **HM**: ele tinha que ter conversado
103 **EM**: [não ele não conversou...ele só...ele fez a propaganda...ele fez

104 **HM:** [é...ele apareceu
 105 **EM:** a propaganda e recebeu a multa...ele recebeu a multa...entendeu recebeu a multa e aí a Brahma agora tá tá tratando toda a discussão
 106 **NS:** [é então
 107 **HM:** a discussão é exatamente essa...que ele feriu um contrato ético uma questão
 108 **EM:** e o Zeca Pagodinho fala assim não fui eu que...traí a Nova Schin...a Nova Schin que me traiu aliás ((risos dos integrantes)) e reverte assim toda situação...reverte por que é o seguinte puxa a vida né falaram que iam
 109 **NS:** [é eu sei
 110 **EM:** dá lá um dinheiro pra pro pessoal de Xerém de onde eu moro e não deu...e a agora a Nova Schin falou que isso aqui...o que eu falei que ia dar pra ele o salário dele...o dinheiro dele que tá dentro do...contrato não falei que ia dar outra coisa de boca então o Zeca Pagodinho sai atirando também...na Nova Schin...e o samba tá aqui ó...né...o samba que toca ((mostra a revista))
 111 **FC:** o slogan da da Nova Schin pegou né que foi experimenta...experimenta todo mundo...o carnaval eu ouvi o tempo inteiro
 112 **EM:** [[todo mundo comentava que pelo menos experimentava
 113 **MG:** [[posso levar para ler em casa?
 114 **JM:** [[não ((MG ri))

O fragmento da interação transcrito acima exemplifica, de forma geral, o enquadre de discussão, ou seja, o momento na reunião em que os participantes discutem um tópico selecionado, que faz parte de uma pauta previamente elaborada pelas pesquisadoras. A organização da pauta tem como função possibilitar a participação dos sujeitos afásicos em discussões sobre temas conhecidos por todos. Os temas selecionados são notícias sobre fatos cotidianos, políticos, sociais que são amplamente divulgados na mídia, especialmente na mídia impressa.

A pesquisadora EM instaura o tópico da discussão ao perguntar se os participantes acompanhavam as propagandas na TV (linha 1: “gente olha tem um outro assunto também que eu acho durante a semana fiquei sabendo...fiquei também achei uma coisa muito importante...então vocês viram propaganda na televisão...propaganda na televisão..pois é”) Prontamente, dois sujeitos afásicos (MG e JM) reconhecem a especificidade das propagandas mencionadas por EM (linhas 2 e 3). Este procedimento da pesquisadora caracteriza o início do enquadre “discussão”.

O enquadre *discussão* requer uma participação ativa na interação, ao exigir que os participantes tomem uma posição argumentativa em relação ao tema da pauta proposta pela pesquisadora. As ações desenvolvidas neste enquadre estão fundamentalmente atreladas a sua estruturação, isto é, à regularidade no sistema de trocas de turnos que caracteriza a estrutura de participação do enquadre, e à simetria do desenvolvimento do tópico. Procuraremos mostrar aqui como as

estruturas deste enquadre forjam a atuação dos sujeitos afásicos e não afásicos nas interações.

As trocas de turnos são regulares e seqüenciais, obedecendo à regra “cada um fala de uma vez” (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974). Não há sobreposições que promovem a tomada de turno. Ao contrário, o que ocorre são algumas sobreposições que complementam o turno anterior no sentido de tornar clara a discussão. O padrão do sistema de trocas de turnos neste enquadre é basicamente simétrico, pois a maioria dos interlocutores contribui para o desenvolvimento tópico, apesar dos turnos mais longos e didáticos serem introduzidos (sem sobreposições) pelas pesquisadoras, como pode ser verificado nas linhas 15, 25 e 82.

Outra influência deste enquadre sob as estruturas da interação diz respeito ao desenvolvimento do tópico. Os fenômenos relacionados à manutenção, progressão, organização e estabelecimento do tópico são “o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns e para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura” (Marcuschi, 1998:14).

A pesquisadora introduz o tópico e o conduz de uma forma que demanda um posicionamento dos participantes frente aos dois pólos argumentativos do tema (violação de valores morais e éticos x estratégia lucrativa). Nas linhas 31, 33 e 39 é possível observar que a pesquisadora direciona o tópico ao requerer diretamente o posicionamento dos sujeitos afásicos em relação aos pólos do debate. Conseqüentemente, ocorre uma divisão do grupo frente aos dois argumentos.

A grande maioria do grupo defende que a quebra do contrato foi uma violação de princípios éticos (“por que a Nova Schin tá dizendo que ele não foi ético...porque ele quebrou o contrato sem avisar sem nada.”). Este é o argumento introduzido pela pesquisadora, e que passa a ser o que denominaremos como o argumento predominante. Por sua vez, MG adere ao argumento de que a conduta do sambista foi uma grande estratégia comercial e lucrativa. A seqüência 33-36 indica

este posicionamento de MG frente à polêmica do tópico. Ela concorda com o outro argumento da situação que a pesquisadora EM expõe (EM: é...você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí? / MG:[eu também acho]).

A movimentação do tópico durante a discussão destes dois argumentos sustenta a dinamicidade da atividade interativa, além de ser um elemento que promove o engajamento dos sujeitos afásicos em um empreendimento comum que, neste caso, é definido pelo enquadre *discussão*.

Podemos postular que no enquadre *discussão*, as propriedades de engajamento mútuo e empreendimento comum tornam-se mais perceptíveis graças à especificidade das estruturas interativas, isto é, existem condições específicas durante a interação que favorecem a identificação das propriedades do conceito de comunidades de práticas para o CCA.

O conhecimento sobre o tópico que os participantes compartilham tem um papel primordial para o engajamento dos sujeitos na interação que, neste caso, é o debate da questão ética do rompimento do contrato. O engajamento dos sujeitos afásicos, especialmente de JM e MG, ocorre graças aos conhecimentos que ambos têm e compartilham sobre o tópico. Este é o principal recurso compartilhado entre os participantes neste exemplo do enquadre *discussão*.

Os participantes compartilhavam uma série de conhecimentos específicos sobre determinados aspectos envolvidos na polêmica conduta do cantor Zeca Pagodinho. Um bom exemplo desta especificidade é a associação da imagem do cantor a uma das marcas de cerveja, pois Zeca Pagodinho declarava-se consumidor fiel da cerveja Brahma e a consumia no palco. A surpresa na época foi justamente o uso da imagem do sambista na divulgação da marca concorrente, a Nova Schin.

Um outro exemplo é o conhecimento a respeito da fusão de grandes cervejarias, ocorrida antes do episódio da quebra de contrato, o que resultou numa divisão quase dicotômica do mercado de cervejas no Brasil. Os sujeitos já tinham conhecimentos destas especificidades quando a pesquisadora instaura o tópico. O tópico é desencadeado sem a menção destes fatores específicos que contextualizavam a polêmica a respeito das propagandas. E é durante o curso da

interação que estas informações são agregadas à discussão pelos sujeitos afásicos.

É possível perceber o engajamento de JM e MG através da postura que adotam durante a discussão. JM demonstra ter um conhecimento maior do tópico ao realizar uma associação imediata entre o enunciado da pesquisadora (“gente olha tem um outro assunto também que eu acho durante a semana fiquei sabendo...fiquei também achei uma coisa muito importante...então vocês viram propaganda na televisão...propaganda na televisão..pois é”) e a discussão que se tinha na época sobre a conduta do cantor.

JM prossegue especificando os fatores que integram o tópico como, por exemplo: uma das marcas de cerveja (“Schincariol”, na linha 12); a consequência da fusão de grandes cervejarias (a:::a associação de cer-vejas...com todas as...cer-vejarias do mundo...só...vai levantar...em...euros do país”, linha 40). Na linha 76, JM demonstra ter um ponto de vista a respeito da questão da ética que vai de encontro ao argumento predominante (a falta de ética do sambista) na discussão (“imagina uma coisa....se se...o seu...tra-balho anterior...você contratasse um cara...pra todos os serviços no interior e tal...etc e tal a... a...a...escrita...todos todos os os...papéis...e...imagina também a...não não vai ser..vou fazer com outro “).

A postura de MG é contrária ao argumento predominante. Ela concorda com a atitude do cantor em função da alta quantia de dinheiro envolvida (EM: três milhões...a gente fica apaixonado né / MG: é fica / HM: três milhões / MG: (fez muito primeiro)..fez muito bem). Segundo seu ponto de vista, (cf. as linhas 31, 32, 35, 36 e 54) tratava-se de uma relação comercial sem qualquer valor moral.

Vale também ressaltar outro recurso compartilhado que tem grande relevância na estruturação das interações: o conhecimento prévio sobre as estruturas de participação do enquadre *discussão*. Em função de uma rotina interativa já consolidada, existe um conhecimento implícito das formas de agir que os enquadres interativos demandam. Os sujeitos reconhecem que a estrutura do enquadre *discussão* requer que suas ações sejam organizadas a fim de permitir a exposição dos argumentos e o posicionamento frente ao tema.

O engajamento mútuo não diz respeito somente a um acordo comum entre os interlocutores, a uma ação de concordância com o ocorre em um dado momento da interação. Este exemplo demonstra que o engajamento mútuo parte do princípio de fazer algo junto, isto é, lançar-se numa atividade conjunta. As

estruturas do enquadre *discussão* favorecem este movimento de cooperação. Embora os sujeitos estejam empenhados na tarefa de discutir o tema proposto pela pesquisadora, não existe homogeneidade nas atitudes interativas dos sujeitos.

A adesão dos participantes às práticas está relacionada ao tipo de enquadre comunicativo, à relevância do tópico conversacional na rotina do grupo, e também aos conhecimentos compartilhados necessários para o desenvolvimento do tipo de interação que o enquadre requer. Engajar-se significa, sobretudo, participar de atividades de alinhamento de ponto de vista, de produção de argumentos, de negociação.

O resultado do engajamento dos sujeitos no enquadre *discussão* é a construção conjunta dos sentidos. Este processo, na realidade, corresponde ao empreendimento comum no qual os sujeitos estão engajados, isto é, participar de situações cotidianas de uso da linguagem. No enquadre *discussão*, a exposição dos argumentos, o desenvolvimento do tópico e o posicionamento dos sujeitos frente à polêmica da discussão são as atitudes concretas que revelam o processo de reintegração dos sujeitos afásicos em situações cotidianas de uso da linguagem. Este exemplo do enquadre *discussão* ilustra o trabalho dos afásicos para alcançar este empreendimento comum, ou seja, a participação em processos de construção/negociação de sentidos. Eles não acompanham passivamente a exposição de um tópico ou apenas concordam com determinados argumentos. Pelo contrário, os afásicos, durante as atividades do CCA, se deparam com situações onde constantemente o que se demanda deles um trabalho com e sobre a linguagem.

Embora possamos constatar a emergência de três diferentes enquadres durante o evento “reunião”, isto não significa que as mudanças de enquadre sejam sistemática e esquematicamente produzidas. As atividades do Programa de Linguagem iniciam-se sob a estruturação de uma reunião e, na maioria das vezes, o primeiro enquadre que emerge é o da discussão. Apesar de haver uma certa predominância deste enquadre, ele não se mantém durante toda a reunião. São freqüentes as ocorrências do enquadre “relato/comentários do cotidiano” durante a

discussão. E com a emergência deste novo enquadre temos uma nova configuração da estrutura interativa.

No “relato/comentários do cotidiano”, é requerido que os participantes elaborem relatos ou tenham comentários a respeito de algum tópico surgido na discussão ou durante o desenrolar de alguma atividade específica na qual o grupo esteja envolvido. Este enquadre é caracterizado fundamentalmente por uma flexibilidade da estrutura de participação. Desta forma, o sistema de trocas de turno é mais irregular, há mais sobreposições e o desenvolvimento do tópico ocorre de maneira menos dirigida.

O dado transcrito abaixo é um exemplo da ocorrência deste enquadre nas práticas que constituem o Programa de Linguagem e ilustra as passagens de um enquadre para outro, as alterações na estrutura de participação e das formas de desenvolvimento do tópico discursivo.

O dado selecionado é um fragmento da atividade de linguagem ocorrida em 30/09/2004. Participavam da atividade as pesquisadoras HM e JC e os afásicos: MS, NS, SP e EF. Nesta ocasião, a atividade do grupo consistia em fazer comentários sobre algumas fotos que estavam sobre a mesa onde os participantes do CCA se reúnem. A pesquisadora HM começou a solicitar comentários e relatos dos afásicos sobre os momentos registrados pelas fotografias que eles próprios haviam trazido. É ao longo da elaboração destes comentários e relatos sobre as fotografias que ocorrem as mudanças de enquadre, de desenvolvimento do tópico, e das estruturas de participação.

Exemplo 2:

- 1 **HM:** olha aqui é por isso que você reconheceu a dona L né... tá aqui na foto
-----→ ((mostra uma foto para NS))
- 2 **NS:** é eu vi eu conheço eu conheço
- 3 **HM:** muito simpática sua mãe... não M... nova... muito ativa... bacana
- 4 **MS:** [isto
-----→ ((faz sinal com o polegar um pouco antes da verbalização))
- 5 **MS:** oi... oi-ten
- 6 **JC:** [eu não vi as fotos
- 7 **HM:** oitenta
- 8 **MS:** ah... é ... uhamm....três
-----→ ((indica o número três com os dedos das mãos))
- 10 **NS:** [[três
- 11 **HM:** bom agora eu queria que o M explicasse o que que ele faz... tá aqui fazendo
- 12 **MS:** ah... humm
- 13 **HM:** o que que o senhor acha seu S?

-----→ ((ergue a foto em direção a SI))

14 SP: ah....hummm ((emite aspirações))

-----→ ((ergue o braço em direção a HM))

15 NS: deixa eu ver deixa eu ver

-----→ ((pega das mãos de HM a foto)) ((MG pega outras fotos sobre a mesa))

16 HM: deixa eu pegar outra que tem aqui... tem que dar umas explicações aqui pra gente

-----→ ((pega outra foto sobre a mesa))

17 JC: olha que... hora ele mostra pela primeira vez

18 MS: A-C-U-P-U-N-T-U-R-A

19 HM: ah e:::::

20 JC: só... acunpultura pra melhorar

-----→ ((coloca a mão na cabeça))

21 MG: você... quanto paga?

22 MS: na-da nada

---→ ((acena com a mão))

23 NS: mas por que?

24 JC: plano de saúde?

25 MS: NÃO ... e::::u.

---→ ((aponta o dedo para si mesmo))

26 NS [hospital hospital

27 MS: isso... e::: e::::

-→ ((aponta o braço em direção a NS))

28 NS: lá na... hospital não é

29 MS: e:::: Laércio

30 JC: seu amigo

31 MS: i::sso

32 HM: o Dr Laércio o médico que faz acupuntura

33 MS [issoé::::

34 JC: então ele... ele faz de graça por que ele é seu amigo

35 MG: seu eu... quiser ir lá... ele tam-bém faz?

36 NS: [mas por que?

36 JC: o que é acupuntura?

37 NS: mas por que?

38 MS: eu faço ((EF toca no braço de MS, e emite "é:::"))

39 JC: a::h olha só...a N quer saber por que que na orelha

-----→ ((segura a orelha))

40 NS: é por que?

41 HM: pera aí... pera aí... vamo ... vamo organizar aqui ((HM e JC tentam organizar a interação, JC gesticula com o braços indicando desordem)) por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá

42 JC: [não dá certo

43 HM: interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é

44NS: [é então

45 HM: é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer

45 MS: [[isso

46 NS: [[eu sei [ah eu sei

47 HM: saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?

48 EF: [a:::: é::::

-----→ ((toca o braço de HM, em seguida aponta para sim e faz sinal de positivo com o polegar))

49 HM: o senhor faz acupuntura?... e vai indicar indicou pra ela

50 EF: [a::::

---→ ((EF aponta para MG))

51 MS: não

52 JC: ele quer saber a mesma coisa da G?

53 HM: [[também quer saber a mesma coisa da G?

54 MS: ISSO ISSO ISSO

55 **HM**: também se ele for lá se ele faz...e aí Dr Laércio faz... atende onde? peraí um pouquinho seu E vamos lá

56 **EF**: [a::::

57 **MS**: â::::ham (3s) centro... não ãhm (4s) humm... e não... nada
 -----→ *-----→* (faz gestos circulares com o braço e de negação))

58 **HM**: [no hospital?... um centro de saúde?

59 **JC**: acho que é uma clínica... particular

60 **MS**: isso isso... isso
 -----→ ((aponta o braço em direção a JC)

61 **HM**: uma clínica particular

62 **MS**: [isso isso

63 **NS**: mas é aqui?
 -----→ ((aponta para baixo))

64 **JC**: é aqui em Campinas ?

65 **NS**: Campinas?

66 **MS**: isso isso (2s) eu a:::h (3s) eu a:::

67 **NS**: [mas por que aqui
 -----→ ((segura na própria orelha))

68 **JC**: calma então... pera aí

69 **MS**: nã::::o e
 -----→ ((estende o braço e apanha um papel na mesa))

70 **NS**: por que aqui
 -----→ ((segura na própria orelha novamente))

71 **JC**: por que aqui na orelha
 -----→ ((segura na própria orelha))

72 **HM**: ah... explica então um pouquinho o que é acupuntura

73 **MS**: a:::h
 -----→ ((põe a mão na própria cabeça))

74 **NS**: cabelo?
 -----→ ((pega no cabelo))

75 **EF**:a:::h
 --→ ((põe a mão na própria cabeça))

76 **NS**: cabeça?

77 **JC**: não o cérebro... o cérebro... a afasia... o derrame
 -----→ ((põe a mão na própria cabeça))

78 **NS**: [[a::::

O enquadre interativo inicial deste dado é o de uma reunião, caracterizado pelo fato de a responsabilidade do direcionamento das atividades dos sujeitos recair sobre um (ou mais) participante (s) envolvidos nessa atividade. Em um primeiro momento, este direcionamento esteve a cargo da pesquisadora HM, que solicitou dos afásicos os primeiros comentários, distribuindo os turnos como achou melhor (“bom agora eu queria que o M explicasse o que que ele faz... tá aqui fazendo”; “deixa eu pegar outra que tem aqui... tem que dar umas explicações aqui pra gente”) e que também fez alguns comentários sobre as fotos (“muito simpática sua mãe... não M... nova... muito ativa... bacana”).

No momento em que MS informa ao grupo que se submete a um tratamento com acupuntura, os afásicos se engajam na atividade de discussão deste tópico, pois reconhecem a importância de como mais uma terapia pode

proporcionar melhoria na qualidade de vida deles. A partir deste fato, observamos a mudança do enquadre e das estruturas de participação.

Na linha 21, a pergunta de MG (“você... quanto paga?”) promove uma primeira alteração na estrutura de participação da atividade. De uma atividade dirigida pelas pesquisadoras, passamos a um diálogo em que principalmente dois afásicos (MG e NS) alteram a estrutura de participação vigente até então, tomando a frente das pesquisadoras (HM e JC) e realizando eles mesmos perguntas sobre o tópico introduzido ainda no enquadre anterior, no qual a pesquisadora HM desempenhava o papel de fazer as solicitações e os afásicos desempenhavam o papel de responder àquilo que lhes era solicitado.

Assim, temos neste segmento um outro direcionamento da atividade, isto é, um diálogo que não é dirigido pelas pesquisadoras, mas sim pelos afásicos (MS, NS e MG). Podemos observar neste diálogo, um maior número de sobreposições nos turnos e um indispensável uso de recursos gestuais que auxiliam na construção dos sentidos.

A principal especificidade do enquadre “relatos/ou comentários do cotidiano” é o fato de que a iniciativa de instauração do tópico é realizada por sujeitos afásicos. As pesquisadoras HM e JC continuam a direcionar a atividade, mas de uma forma diferente. Elas deixam de direcionar os turnos para elaborar *promptings* orais que auxiliam na verbalização de outros enunciados que são pressupostos pelas enunciações e pela expressividade gestual dos sujeitos afásicos e também pelo conhecimento partilhado entre afásicos e os não-afásicos (MS:oi... oi-ten / JC: [eu não vi as fotos / HM: oitenta / MS: ãh... é ... uhamm....três).

Acreditamos que os principais objetivos que norteiam essa função das pesquisadoras sejam o ajuste do fluxo do diálogo e a construção de sentidos negociada por todos.

No segmento 40-47, é saliente a alteração do enquadre interativo. A fala de HM (“pera aí... pera aí... vamo ...vamo organizar aqui por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá”) é, na realidade, uma forma de promover o realinhamento da interação, já que a estrutura de participação havia sido alterada.

No decorrer deste segmento, a pesquisadora HM volta a organizar as tomadas de turnos (“a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é”, “é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?”), ou seja, ela retoma o direcionamento da interação para que a atividade volte a ser estruturada como era no início da interação, quando as pesquisadoras organizavam e distribuíam o turno entre os afásicos.

No entanto, mesmo após esta reestruturação, a pergunta de NS, na linha 40 (“é por que?”) não é respondida. Este esclarecimento só ocorre a partir do segmento 67-68. O gesto que NS realiza (ela segura novamente na sua orelha enquanto repete e pergunta) esclarece finalmente a especificidade de sua pergunta, e instaura um novo subtópico: “o lugar do corpo onde é realizado o tratamento com acupuntura”.

Neste fragmento, precisamente o segmento 21-50, é possível observarmos o engajamento dos sujeitos em uma atividade conjunta. A atividade em questão é a discussão do tópico “acupuntura”, sendo que a discussão sobre esse tema específico pode ser considerada como o primeiro fator de engajamento de todos os sujeitos envolvidos na atividade.

Todos os sujeitos que participam da atividade voltam a atenção integralmente para a discussão do tópico “acupuntura”. A inserção do subtópico “pagamento do tratamento”, realizada por MG, suscita a adesão mais ativa dos sujeitos. Os sujeitos afásicos se interessam pelo tópico e participam da interação conjuntamente, porém, de maneira heterogênea. Mesmo discutindo o mesmo tópico, os interesses de MG e NS são distintos. O interesse de MG é saber quanto MS paga pelo tratamento, enquanto NS questiona apenas “por que?”. O questionamento de NS é esclarecido somente depois que as pesquisadoras conseguem redirecionar a interação.

O fragmento nos mostra que NS e MG têm um interesse comum: saber mais sobre a acupuntura. No entanto, as formas como elas agem na interação para alcançar este interesse comum são diferentes. MS e as pesquisadoras HM e JC estão também engajados juntos aos outros membros na discussão do tópico.

Os interesses distintos de NS e MG e as intervenções de HM e JC podem ser considerados o que Wenger chama de disposição mútua de engajamento.

Entretanto, as formas de engajamento destes sujeitos na discussão do subtópico são heterogêneas. A análise do exemplo 1 revelou uma estrutura de participação mais rígida e um tipo de engajamento que poderíamos chamar de “integral”, porque o grupo inteiro participava da discussão da conduta de Zeca Pagodinho. Neste exemplo, temos um contraste em relação ao anterior, já que observamos alterações tanto na estrutura de participação quanto no tipo de engajamento.

A formação de díades ou de grupos paralelos de conversa no decorrer da atividade de linguagem ocasiona mudanças na estrutura de participação que influenciam na sustentação do envolvimento dos participantes, instaurando, assim, um outro tipo de engajamento, que denominamos “engajamento paralelo”.

Este tipo de engajamento não constitui uma mera dispersão da interação; pelo contrário, ele reflete a dinamicidade da interação e a negociação em torno de um empreendimento comum.

Neste mesmo encontro, observamos, a partir da introdução de um novo subtópico (“experiência com acupuntura”), o estabelecimento de grupos paralelos que caracterizam a ocorrência do engajamento paralelo:

Exemplo 3

1 JC: ó quando eu tinha problema no pulmão... tava com problema no pulmão... fui procurar acupuntura
aí ele põe assim as agulhas... ele punha as agulhas aqui... punha às vezes atrás.. aí quando eu vou embora
-----> ((coloca as mãos sobre o corpo simulando uma sessão de acupuntura))
às vezes ele punha semente de mostarda... ou agulha na orelha... nos pontos que correspondem onde ao que
tô tratando...então na nossa orelha tem os pontos do pulmão por exemplo... como meu pulmão tava doente...
quando ele espetava....o ponto do pulmão na minha orelha... doía por que meu pulmão tava doente...
((alguém diz: a:::h, não é possível identificar, mas parece ser uma voz feminina)) entendeu.. aí ele punha ou
sementinha de mostarda... depende tem acupunturista que põe semente de mostarda tem outros que põem
agulhinha... no caso.... os pontos que doeram na G são os pontos... do corpo dela que tão... frágeis... que tão
doentes.... que precisam trabalhar... se você aperta um ponto na orelha e não dói é por que tá bom
2 NS: [hu:::m o 3
NS: André falou... [[N
4 MS: [[nada
5 MG: [[então

((estabelece-se dois grupos de conversação: NS e JC / HM, MS e SP))

6 JC: [[ou por que (SI) então fica equilibrado ((todos falam simultaneamente))
7 NS: [[então

8 JC: [[N

9 NS: [[é cinco seis sete... come... pão tudo.. vai lá senão (você cai mesmo) não pode
10 JC: [[exatamente
11 NS: [[agora não já passou já

12 HM: [[quando faz fica super bem... seu S já fez?

13 SP: [[acupuntura (tudo mais) e:..... o:..... não tem lá é aqui
-----→ (gesticula passando a mão pelo corpo, parando na orelha quando diz aqui))

((a compreensão do segmento é prejudicada, pois nesse momento estão estabelecidos dois grupos de conversação, e o volume de voz de NS é bem maior que o de SP, o que faz com que a voz de NS fique predominante no áudio))

14 HM: [[tá... é aonde tem pra evitar que tenha de novo o

SP: [[(SI) ela.... fim

-----→ ((estende o braço e o movimento sobre a mesa))

15 HM: [pra evitar o coágulo

16 NS: [[nossa senhora cadê a pressão pressão pressão ... quase desmaei.... a zero... quase eu...

17 HM: [[então faz a acupuntura pra melhorar... é bom assim?

18 SP: [[não: é:..... a:..... nada... por é grosso e fino... e só

-----→ ((movimenta o braços))

19 MS: [[Laércio....doutor Laércio (3s) eu ((MS diz o nome do médico a EF, que escreve no papel))

20 HM: muito bem... olha o seu E queria saber se esse doutor Laércio atende pela... Unimed?

No decorrer do desenvolvimento do tópico “acupuntura”, temos a introdução de um novo subtópico “experiências com acupuntura”. A pesquisadora JC relata a sua experiência para exemplificar o funcionamento da acupuntura. Este relato, na verdade, introduz o subtópico, e na seqüência, ocorre a formação de dois grupos conversacionais.

A formação desses dois grupos ilustra alguma dispersão na sustentação do envolvimento. A introdução do subtópico “experiências com acupuntura” faz com que a atenção dos sujeitos fique voltada para a necessidade de relatarem suas experiências, principalmente se observamos o grupo formado por SP, MS e HM. No entanto, no grupo formado por JC e NS, esse subtópico não se sustenta, como podemos observar pela fala de NS, que discorre sobre uma experiência pessoal, o fato de ter passado mal. No entanto, isto não significa que NS desista do interesse comum, da atividade de linguagem em si, porque, fundamentalmente, ela continua engajada, não com o tópico, mas com a própria interação.

A fala de HM na linha 20 (“muito bem... olha o seu E queria saber se esse doutor Laércio atende pela... Unimed?”) reflete exatamente a tentativa de volta ao engajamento integral, ou seja, HM procura fazer com que todos os sujeitos juntos voltem a se engajar na

discussão do tópico principal, que é o esclarecimento do tratamento de acupuntura a que MS se submete.

O engajamento paralelo é, fundamentalmente, a ocorrência de díades, ou de grupos paralelos de conversação que se formam durante a exposição do tópico da atividade de linguagem. A este respeito, Goffman (1979/2003) agrega importantes contribuições para a análise destes diferentes tipos de engajamento no curso da atividade de linguagem:

Os indivíduos engajados em uma comunicação subordinada relativa a um estado dominante de fala podem não se esforçar para não dissimular que estão conversando dessa maneira seletiva e não precisam demonstrar qualquer esforço para esconder o que estão comunicando. Assim, temos o “jogo paralelo”: a comunicação subordinada entre um subgrupo de participantes ratificados; o “jogo cruzado”: a comunicação entre os participantes ratificados e circunstantes e que vai além das fronteiras do encontro dominante; o “jogo colateral”: palavras respeitosamente murmuradas entre os circunstantes. (...) Uma questão adicional: ao afirmar anteriormente que uma conversa poderia estar subordinada a uma tarefa instrumental em andamento, isto é, inserida quando e onde a tarefa em si assim o permitisse, ficou estabelecido que os participantes podem declinar da sua fala a qualquer momento quando se apresentam motivos exigidos pelo trabalho e, em princípio, retornar a ela quando as exigências de atenção imediata da tarefa tornem tal procedimento exequível (Goffman, 1979/2003: 121).

Goffman argumenta que é necessário superar o *paradigma tradicional da fala*, e reconhecer que qualquer *momento de fala* pode ser sempre uma *atividade de fala* qualquer, isto é, um trecho da interação que é naturalmente delimitado, que abrange tudo o que é relevante a partir do momento que dois (ou mais) indivíduos iniciam os procedimentos interativos entre si, e que se estende até o encerramento da atividade (p.116). Desta forma, a formação de díades, ou grupos paralelos durante a interação é uma consequência natural. Estas formações decorrem da maneira que os participantes conseguem “sustentar seu envolvimento no que está sendo dito, assegurando-se do que não ocorrerá nenhum período longo em que ninguém faça uso da palavra (e que não mais de uma pessoa o faça).” (Goffman, 1979/2003: 116).

Este é o princípio que rege a estrutura interativa: a sustentação do envolvimento. No caso do CCA, os pesquisadores que fazem parte do grupo geralmente têm o papel de desencadear o tópico a ser tratado na atividade de linguagem. Isto significa dizer que, em um primeiro momento, o pesquisador tem a

função, exercida pela a introdução do tópico, de sustentar o envolvimento dos membros da interação. Apesar de ser esta a configuração inicial e que procura engajar o grupo, ela não se mantém, como vimos nas análises iniciais desenvolvidas no capítulo anterior.

Pelo contrário, conforme mencionam Wenger (1998) e Goffman (1979/2003), o engajamento dos sujeitos acontece de maneira dinâmica, ou seja, no desenrolar da ação os pontos de sustentação se movimentam, e assim, conseqüentemente, as formas de engajamento interacional ficam suscetíveis a este movimento.

O movimento de sustentação de envolvimento se dá por meio de aspectos micro-interacionais. Goffman (1979/2003) destaca alguns aspectos que influem diretamente no envolvimento dos participantes na interação. São os seguintes:

Certos aspectos, tais como o trabalho realizado em chamados (para que alguém interaja conosco), o fator tópico, a construção de um estado de informação que se sabe de antemão ser do conhecimento dos participantes (com a conseqüente recapitulação para o benefício dos novos participantes), o papel dos “pré-encerramentos”, parecem depender especialmente da questão da unidade como um todo (1979/2003:117).

Estes aspectos são frequentemente encontrados nas interações do CCA. A nosso ver, estes aspectos constituem o que podemos denominar de “fatores de engajamento”, ou seja, os fatores que influem diretamente no engajamento dos membros do grupo na atividade de linguagem. Seja para o engajamento total do grupo na atividade em questão, ou para a constituição de novos pontos de engajamento dentro da interação. Dentre estes aspectos, o tópico da atividade de linguagem e a maneira como ele é desenvolvido são fatores determinantes na sustentação do engajamento.

O processo de formação e dissolução dos grupos demonstra o que Goffman (1979/2002) pondera sobre o engajamento interativo:

uma conversa poderia estar subordinada a uma tarefa instrumental em andamento, isto é, inserida quando e onde a tarefa em si assim o permitisse, ficou estabelecido que os participantes podem declinar da sua fala a qualquer momento quando se apresentam motivos exigidos pelo trabalho e, em princípio, retornar a ela quando as exigências de atenção imediata da tarefa tornem tal procedimento exequível (p. 121).

Os exemplos, transcritos a seguir, também são partes do enquadre “relatos/ou comentários do cotidiano”. Nestes exemplos, ocorrem relatos dos sujeitos afásicos sobre a experiência comum do impacto na afasia, e a chegada ao Centro de Convivência dos Afásicos. A diferença deste enquadre, em relação aos outros, é a ausência de um participante que direciona o desenvolvimento do tópico e as formas de participação. Este papel é, geralmente, exercido pelas pesquisadoras.

No fragmento transcrito abaixo, temos um exemplo de conversa paralela que pode ocorrer entre os participantes afásicos antes da entrada das pesquisadoras.

1 MN: quantos anos você começou a falar
2 MG: quantos qu...e co...meçou a cabalar?
3 NS: falar
(todos dizem: é)
4 NS: eu sei eu sei...mas eu
5 JM: [quantos anos... depois... quanto tempo você começou a falar?
6 NS: ai... deixa eu ver...três ano quatro ano cinco ano... pá trás eu não falava nada
----→ ((faz gesto com a cabeça)) *----→* ((indica para trás com o braço)) 7
JM: [cinco a...nada nada
8 NS: não...agora um mês um mês não falava nada... um mês quase dois... falava nada nada nada
9 JM: um mês faz... um mês o quê?
10 NS: pa trás... não falava nada
----→ ((indica para trás com o braço))
11 EF: fala fala fala

12 NS: nada nada nada... que a... a Carla lá em casa... lá em casa... o Olavo... a Carla e o Venício ... a Carla e o Olavo fala... o Olavo também.. falo nada.. o Olavo... a Carla assim fala mãe ... fala N

13 JM: mas há cinco meses que você não... não... ah... depois do avc... depois do avc... você não falava nada?

14 NS: [fone

15 NS: nada nada nada.. mas nada...muda mais muda muda muda

((NS termina de responder a JM, que sai em outra direção, NS se vira a MG e continua conversando,. Simultaneamente, MN inicia um diálogo com SP. Assim se estabelece dois grupos de conversação))

MN inicia o tópico da conversa, que versa sobre uma experiência comum a todos, a saber, os sinais de recuperação da fala logo após o episódio neurológico. Como de fato este é um assunto de interesse comum para o grupo, há logo o engajamento de todos os sujeitos afásicos no desenvolvimento do tópico em questão. NS assume, neste fragmento, o papel de narradora de sua experiência pós AVC, relatando as conseqüências disto em sua vida familiar. Na linha 4, NS hesita em completar sua resposta à pergunta de MG, logo JM realiza uma sobreposição ao seu turno para promover uma reformulação da pergunta feita anteriormente (“[quantos anos... depois... quanto tempo você começou a falar?”). Este procedimento de JM, pode ser considerado um reajuste no fluxo interacional para assegurar uma continuidade do tópico, ou seja, do relato da experiência comum que os une nas atividades do CCA.

Por sua vez, NS recorda o tempo em que a afasia comprometeu de forma mais severa sua capacidade comunicativa. Ao final da linha 6, ela finaliza a narração, a recontagem do evento, com o enunciado: “ai... deixa eu ver...três ano quatro ano cinco ano... cinco ano... pá trás eu não falava nada”. Por meio da observação do dado gravado em meio audiovisual, é possível perceber uma mudança prosódica que assinala o final do seu turno de forma a possibilitar a manutenção da estrutura de participação característica deste enquadre. Vale salientar que NS prossegue seu relato de maneira eficiente apesar da ausência de elementos conectivos em sua fala, caracterizada principalmente pelas repetições.

O exemplo abaixo diz respeito à uma conversa sobre o mesmo tópico entre MN e SP que aconteceu paralelamente à conversa transcrita no exemplo 4:

Exemplo 5

1 MN: [[eu falava.. mas não sabia o que que eu errava... eu não sabia o que que eu errava... e ai por que que eu não posso falar... falava para o meu filho (SI) por que eu eu não posso falar...

2 SP: [é duro eh... (isso) eu também
3 MN: por que eu não sabia o que tinha acontecido]]

((Neste momento, se encerra o diálogo entre MN e SP. EM entra na sala, cumprimenta JM e sai))

MN procede ao seu relato, paralelamente ao de NS, caracterizando a dificuldade com a qual os afásicos se deparam nos primeiros momentos de convivência com a família depois do AVC. As conversas paralelas que ocorrem durante este enquadre fazem parte de sua estrutura interativa (assim como da estrutura interativa de qualquer grupo de mais de três pessoas engajado em uma conversa) e desencadeiam o que chamamos de engajamento paralelo, isto é, a ocorrência de grupos paralelos que continuam, na grande maioria das vezes, a desenvolver o tópico instaurado no início do enquadre. Apesar de haver estas divisões na estrutura de participação, não ocorre a desistência dos participantes no empreendimento comum proposto no enquadre que, neste caso, é o relato das experiências.

Uma mudança de enquadre ocorre quando a pesquisadora EM entra e sai rapidamente da sala. Neste momento, o diálogo paralelo entre MN e SP encerra-se, pelo fato de a pesquisadora ter entrado novamente na sala. A entrada da pesquisadora sinaliza explicitamente o início “oficial” das atividades do Programa de Linguagem, ou seja, início do enquadre “reunião”. Devido a esta percepção, os sujeitos reconhecem que este momento requer a configuração interativa do enquadre “reunião”. A partir do momento em que a pesquisadora sai da sala, tem-se a continuidade da conversa dos sujeitos sobre suas experiências comuns. NS dá continuidade ao seu relato, comparando sua tempo de permanência no grupo e relatando a forma como chegou ao CCA, conforme mostra o exemplo 6:

Exemplo 6

1 MG: ah
2 MN: você veio pra cá...acho que... depois de mim
3 NS: i::xi... faz tempo aqui
 ---→ ((aponta com o dedo))
4 JM: você tá falando... faz tempo que você falou... falou... e:::...das... das outras vezes que você (falava pra ela)
5 NS: o quê?
6 JM: das outras vezes que você não falou... que (palavra) era
 ---→ ((faz gesto com as mãos, indicando mistura))
7 NS: a Carla... só a Carla

8 JM: a Carla... e depois?
 9 NS: aí depois foram assim... Carla... depois foram assim... aí o Venício fala Ve-nício... foi
 -----→ ((faz gesto com a cabeça, indicando negação))
 10 JM: não?
 11 EF: isso
 12 NS: então agora sim né... ((risos de todos, EF estende a mão e toca em NS)) aí... aí... eu falei assim: fala... Olavo Roberto Rejane.. eu.. você não consegue não... não consigo... eu peço... não não ... aí eu
 *-----→ ((faz gesto com a cabeça, indicando negação))
 13 JM: e você sempre com a... fono.... da... Suma-ré?
 14 NS: Sumaré
 15 JM: su... dāh... você não viria aqui
 -----→ ((faz indicação com a mão))
 16 NS: não... não... não... não sabia aqui... eu não sabia... quem indicou... é a Creuza
 17 JM: Creuza?
 18 NS: a Creuza é...é... prima deu ... mas quem... que trabalhava lá na coisa... né... a... eu não conheço ...a
 -----→ ((aponta o polegar para si mesma))
 mulher... né... comanda aqui... sabe aqui... não mas... comanda aqui sabe... aí né começamo a conversar
 -----→ ((faz gesto circular com as mãos))
 ((EM entra na sala e senta-se à mesa com os participantes afásicos))

No exemplo 6, vale salientar que os recursos não-verbais utilizados por NS para narrar sua trajetória são significativamente explorados na construção da narrativa interacional. Por exemplo, nas últimas linhas do fragmento, quando JM a questiona sobre o local de seu tratamento fonoaudiológico (e você sempre com a... fono.... da... Suma-ré?/ su... dāh... você não viria aqui), NS se vale de toda uma gesticulação (gesto de negação com a cabeça, indicações com as mãos para apontar lugares), conjuntamente aos seus enunciados verbais, para produzir uma resposta à questão de JM. Este é um recurso muito utilizado pelos afásicos nas atividades do CCA, para contornar as dificuldades de articulação fonético-fonológicas, de acesso lexical e/ou de supressão de palavras funcionais.

O repertório destes recursos abrange os gestos, que são utilizados para compensar os déficits lingüísticos, as hesitações, as pausas alongadas durante as passagens de turnos, o uso de *promptings* orais, o ritmo de fala. Outro recurso deste repertório diz respeito aos conhecimentos sobre a história de vida dos outros participantes do grupo, as dificuldades no uso da linguagem, as diferenças de personalidade, conhecimentos estes que são compartilhados pelos integrantes do grupo. Muitas vezes estes conhecimentos partilhados entram em jogo em momentos de relatos, de brincadeiras, de confraternização do grupo.

Os fragmentos selecionados são exemplos dos enquadres interativos recorrentes que estruturam as atividades do Programa de Linguagem. Os

enquadres interativos descritos em nossas análises constituem os aspectos estruturados das práticas de linguagem, isto é, as rotinas, os hábitos interativos aos quais os sujeitos têm acesso e que moldam suas ações.

Pudemos constatar, durante a etapa de seleção do *corpus*, que a estrutura de participação e a forma como o tópico é instaurado e desenvolvido em cada um dos quadres identificados (reunião, discussão e relatos) no curso do Programa de Linguagem do CCA auxiliam na verificação das propriedades do conceito de comunidade de práticas aplicadas ao CCA. Assim, é possível afirmar a existência de uma relação entre as configurações estabelecidas pelos quadres e o engajamento dos sujeitos em um empreendimento comum. Isto também significa reafirmar que as formas de engajamento dos sujeitos e o empreendimento comum do grupo são heterogêneos da mesma maneira que o são as práticas interativas.

Em relação aos aspectos emergentes das práticas, verificamos que tais aspectos parecem tornar-se mais salientes a partir da observação da ocorrência dos engajamentos paralelos. Nas ocasiões em que acontece este tipo de engajamento, a formação de grupos e díades conversacionais paralelas reconfigura as estruturas de participação e as formas de desenvolvimento do tópico. As intervenções das pesquisadoras, conforme nossas análises do exemplo 2, são exemplos visíveis das alterações do fluxo interativo provocadas pela emergência de formas de engajamento distintas das que são pressupostas nos quadres interativos já estabelecidos pela rotina de interações do grupo.

4

Considerações Finais

O objetivo maior deste trabalho concentrou-se na descrição das atividades do Programa de Linguagem do Centro de Convivência de Afásicos segundo as propriedades do conceito de comunidade de práticas. Para a realização desta descrição, aliamos ao conceito de comunidade de práticas os principais postulados teóricos da Sociolingüística Interacional, assim como também algumas categorias analíticas deste campo.

No campo da Sociolingüística, o conceito de comunidade de fala representa uma categoria analítica pioneira para a análise do comportamento lingüístico a partir de uma noção de grupo. Procuramos mostrar as diferentes acepções que este conceito possui nas vertentes variacionista e interacional do campo da Sociolingüística. Nas duas vertentes, há uma tendência em eleger a linguagem e fatores relativos a ela como critérios centrais para a delimitação de um grupo, o que mascara o caráter heterogêneo inerente a qualquer grupo e, particularmente, o caráter heterogêneo de suas práticas. O principal diferencial do conceito de comunidade de práticas, diante deste quadro, é mobilizar a noção de prática para a compreensão do comportamento lingüístico e social em grupos. Assim, este conceito procura apreender as práticas lingüísticas de um determinado grupo em meio às práticas sociais e interativas nas quais a linguagem está intrinsecamente imbricada.

A noção de prática mobilizada por Wenger (1998) para a definição das propriedades do conceito de comunidade de práticas não se refere apenas às ações físicas dos indivíduos em uma estrutura social de grupo, mas sim às ações carregadas de sentido social em contextos social e historicamente situados. No caso do CCA, as práticas analisadas são carregadas de sentido social denso, circunstanciado social e historicamente. O caráter social que fundamenta as práticas do CCA reside na iniciativa de re-integração efetiva dos afásicos através de interações concretas e significativas entre sujeitos afásicos e não-afásicos no interior de uma instituição como a universidade pública. Historicamente, as práticas do CCA estão situadas em uma época, final do século XX e início do século XXI, que permite um enfoque teórico sobre os fenômenos de linguagem dos afásicos que seria pouco possível em outro tempo, por exemplo, antes da chamada “virada pragmática” na Lingüística.

Ao alinharmos as particularidades do conceito de comunidade de práticas ao quadro de limitações de natureza lingüística e social que as afasias implicam nos deparamos com uma questão interessante: a possibilidade de observação das práticas lingüísticas dos afásicos não a partir de análises que evidenciam isoladamente seus déficits nos diferentes níveis da linguagem, mas sim através das atividades cotidianas que o CCA proporciona no interior das quais a linguagem, em seu estatuto discursivo, subjetivo e social (e não somente a língua), torna-se a matéria-prima das interações.

Foi devido a esta possibilidade proporcionada pelo conceito de comunidade de práticas, que optamos por aplicá-lo na descrição do Programa de Linguagem do CCA. O conceito de comunidade de fala como recorte metodológico, pautado sob a questão da variação lingüística e estilística, não demonstra ser adequado à compreensão da dinamicidade pragmático-social que preside o uso da linguagem nas situações interativas. Em outras palavras, a análise de situações de uso da linguagem requer atenção não só aos aspectos lingüísticos, mas também às regras, às práticas sociais que os sujeitos desempenham e às habilidades que elas demandam.

Em nossas análises, constatamos que os aspectos estruturados das práticas exercem uma forte influência no engajamento dos sujeitos nas atividades interativas do CCA. A descrição das atividades do Programa de Linguagem revelou a existência de diferentes enquadres interativos que (re) configuram o evento interativo e demandam dos participantes diferentes maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno na fala e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido (Erickson & Shultz, 1981/2002). Os enquadres interativos influem diretamente em dois fatores essenciais da interação: as estruturas de participação e o desenvolvimento do tópico discursivo. As diferentes configurações, demandadas pela emergência dos enquadres interativos, da estrutura de participação e das formas de instauração e desenvolvimento do tópico possibilitaram identificar nas práticas interativas do CCA as propriedades de engajamento mútuo, de empreendimento comum e de recursos compartilhados.

A nosso ver, a importância das estruturas de participação e do desenvolvimento do tópico discursivo na análise do Programa de Linguagem do CCA se deve ao fato de o empreendimento comum do CCA enquanto uma comunidade de práticas ser justamente o desenvolvimento e a manutenção de diversas práticas de linguagem entre afásicos e não afásicos. Os fatores próprios da atividade discursiva desempenham uma papel determinante para a participação dos sujeitos em uma determinada atividade conjunta, em função do fato de o empreendimento comum do CCA ser a inserção dos afásicos em situações cotidianas de práticas da linguagem. Em outras palavras, os sujeitos engajam-se em um empreendimento comum se houver fatores que proporcionem condições minimamente necessárias para a participação em uma atividade conjunta com outros sujeitos. Por exemplo, podemos pensar no caso de uma pequena cooperativa de pequenas artesãos cujo o objetivo seja a produção de pequenas peças de artesanato para a comercialização. Neste caso, o fator que possibilitará o engajamento destes artesãos no empreendimento comum de sua comunidade será, no mínimo, a habilidade manual para a produção de tais peças. No caso do CCA, os fatores relacionados ao tópico (conhecimento prévio, conhecimento de “frames” relativos ao tópico, conhecimento sobre as possíveis

formas de desenvolvimento do tópico) e às formas de participação nas atividades do grupo (o que é configurado em grande parte pela emergência dos enquadres interativos e pelo histórico de interações do grupo) determinam o engajamento dos sujeitos nas atividades do Programa de Linguagem, ou seja, o empreendimento comum do grupo.

Não só as peculiaridades dos enquadres interativos conferem ao CCA as características de uma comunidade de práticas. Vale salientar também a gama de conhecimentos que os participantes compartilham. A disposição necessária para engajar-se nas práticas ocorre, em parte, em função dos conhecimentos partilhados entre os participantes do grupo. Como em qualquer outra comunidade de práticas e até mesmo em interações cotidianas, os dados CCA revelam, também, que os participantes compartilham conhecimentos de diversas naturezas.

Estes conhecimentos compartilhados podem ser organizados nos termos que Clark (1998) menciona a respeito da base comum necessária para a dinâmica interativa, especificamente para o engajamento dos participantes em uma situação de interação. Os participantes do CCA compartilham conhecimentos gerais sobre o grupo, seus objetivos, constituição e, principalmente, à organização interativa das reuniões e aos tópicos abordados, além de conhecimentos mais específicos sobre aspectos da vida pessoal, da personalidade, das experiências pessoais de cada integrante. São esses conhecimentos que possibilitam a emergência e manutenção da identidade que cada integrante do CCA adquire como membro de uma comunidade de práticas.

As análises evidenciaram que as práticas interativas do CCA não se diferem de outras práticas que ocorrem em outros grupos. Como em qualquer interação que envolva duas ou mais pessoas, as atividades do Programa de Linguagem não deixam de apresentar as características básicas das interações em grupo como por exemplo: as sobreposições ao turno, formações de grupos paralelos, tipos de progressão tópica e os processos de construção/negociação conjunta de sentido. Desta forma podemos afirmar que os sujeitos afásicos exibem “um saber interagir” ao estarem inseridos em situações de uso da linguagem.

Este “saber interagir” se manifesta pelo conhecimento da estrutura básica das interações, que os permitem agir dialogicamente em atividades concretas com e sobre a linguagem, participando ativamente da estrutura interativa ao produzir e compreender as pistas contextuais de que os falantes lançam mão para o estabelecimento e manutenção do tópico em questão.

A possibilidade de pertencer a uma determinada comunidade de práticas envolve a aprendizagem de como se tornar e se manter membro desta comunidade. Holmes & Meyerhoff (1999) mencionam que o pertencimento a uma comunidade de prática, assim como a trajetória de seus membros na hierarquia da participação envolvem a aquisição de uma “competência sociolingüística”.

The process of becoming a member of CofP involves learning. We learn to perform appropriately in a CofP as befits our membership status: initially as a “peripheral member” later perhaps a core member (or perhaps not – one may choose to remain peripheral member). In other words, a CofP inevitably involves the acquisition of *sociolinguistic competence*. The CofP is one way of focusing on what members do: the practice or activities that they belong to the group, and the extent to which they belong – grifos meus (*op. cit*, pp 176-5).

O termo competência, relacionado de alguma forma às características e condições de existência de qualquer comunidade de práticas, levanta uma interessante discussão em relação às afasias. Os dados de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos nos instigam justamente a colocar em xeque o pressuposto de que os afásicos, por apresentarem déficits de linguagem são inábeis interativamente.

Conforme argumentam Holmes & Meyerhoff (1999), as formas de se pertencer a uma comunidade de prática implicam a aquisição de uma competência, inscrita pelas autoras primeiramente no campo da Sociolingüística. Entretanto, o termo “sociolinguistic competence” pode ser alargado para discussões acerca da noção de competência que ultrapassa os domínios e categorias de análises mais tradicionais da Sociolingüística. Tornar-se membro de uma comunidade de práticas, engajar-se mutuamente requer nestas práticas, portanto, ações coordenadas entre os envolvidos. Requer o trabalho de várias competências, sobretudo as que são relativas à linguagem e ao seu funcionamento; aos padrões sócio-culturais e de comportamento; e aos processos sociocognitivos de interpretação e produção de sentidos

Resumidamente, esta competência não se restringe somente às habilidades de adequação a determinado estilo de fala ou emprego de certas variantes lingüísticas, conforme o adjetivo “sociolinguistic” que acompanha a argumentação das autoras pode sugerir. A sociolinguistic competence de que falam Holmes & Meyerhoff seria de que natureza, lingüística, social, pragmática? Ambas? Ultrapassaria por completo domínio do sistema formal da língua? O dado analisados demonstram que a noção de competência não se inscreve exclusivamente nos domínios clássicos da Sociolingüística.

Uma noção de competência calcada sob o paradigma da competência chomskyana, tomada a partir de uma *performance*, ou seja, o *output* lingüístico gramaticalmente “perfeito”, não é capaz de explicar e apreender a forma que os sujeitos afásicos atuam numa interação e como agem na construção dos sentidos e na realização das ações. Se tomarmos esta noção de competência, afásicos serão sempre considerados como linguisticamente não-competentes. Ao admitirmos que as alterações de linguagem trazidas pela afasia formam de um modo ou de outro uma barreira para as práticas lingüísticas, somos ao mesmo tempo levados a refletir que estas barreiras ultrapassam a questão da linguagem *stricto sensu*, mas também implicam sérias conseqüências nas esferas sociais da vida.

O deslocamento de uma noção de competência internalista pautada sobre o indivíduo para uma noção de competência pautada sob as práticas que sujeitos ativos desempenham no interior de um grupo social, neste caso, o CCA como uma comunidade de práticas, traz conseqüências teóricas e metodológicas importantes para a compreensão das afasias e para a própria discussão sobre competência no campo lingüístico. De acordo com Morato, a competência não se reduz somente ao domínio interno e cognitivo da linguagem, ela se constitui no campo de ações sócio culturais em que os sujeitos se inscrevem:

Ou seja, a competência é algo que está dentro da linguagem, mas ao mesmo tempo, “de fora” isto é, de uma exterioridade sociocultural – portanto, “um exterior concebido enunciativamente” - a mobiliza e constitui.”, (Morato, 2003: 134)

A noção de competência também evoca de certa forma uma idéia de capacidade, “atitude” cognitiva, no sentido de que os indivíduos têm uma

capacidade de saber o que lhes acontece. Nesse sentido assumimos a noção de competência como:

prática desvinculada da idéia de competência à de “faculdade” (Cf. Ogien, 2001); (ii) a noção de competência evoca diferentes modalidades de exercício de diferentes capacidades (isto é, diz respeito a um “saber em uso”), ou seja, a competência não tem apenas uma existência pragmático-discursiva, como também é heurísticamente concebida ou enformada pelos sujeitos nas situações enunciativas; (iii) se a competência é antes uma prática que uma faculdade, é porque a noção de prática imbrica atos de linguagem e ações sociais; (iv) a postulação de uma competência para a linguagem, enquanto conhecimento, é parte integrante de um “discurso competente”, legítimo/legitimado sócio-politicamente (Cf. Bourdieu, 1982/1998 ; Chauí, 1989); (v) se pensarmos no caráter avaliativo e regulador do termo, nada que seja considerado “natural” pode ser chamado de competência”; (vi) não sendo entendida como uma faculdade ou uma disposição mental, a competência pode ser analisada empiricamente” (Morato & Bentes, 2002:34).

A concepção de competência de natureza lingüístico-pragmática que se instaura por este deslocamento contribui para a dissolução de algumas dicotomias (linguagem-cognição, conhecimento-*performance*, língua-discurso, indivíduo-sociedade), possibilitando, assim, repensar a noção de competência a partir do exercício de diferentes modalidades de capacidades que entram em jogo nas práticas em que o sujeito se insere. Isto quer dizer que a competência, vista por este viés, se configura como um saber em uso, que conjuga simultaneamente o caráter estratégico, plurifuncional, e interativo das várias competências relativas à linguagem, à cognição e ao comportamento social.

Desta forma, considerando a competência como um saber em uso, uma prática, optaremos por delinear a competência como um saber em uso específico, que, porém se articula com outras formas de competências. Os dados analisados nesta dissertação demonstram claramente o exercício da competência pragmático-discursiva pelos sujeitos afásicos a partir do exercício de diferentes modalidades de capacidades interativas no curso das atividades do Programa de Linguagem do CCA.

Assim, como mencionam Holmes & Meyerhoff (1999) a respeito da aquisição de uma “competência sociolingüística” no interior de uma comunidade de práticas, podemos concluir que o CCA, como um grupo que propicia a emergência de pelo menos uma comunidade de práticas, principalmente considerando o Programa de Linguagem, também possibilita não só a aquisição

de uma competência sociolingüística, mas também o exercício de uma competência que conjuga simultaneamente o caráter estratégico, plurifuncional e interativo das várias competências relativas à linguagem, à cognição e ao comportamento social.

Referências Bibliográficas

ALKIMIM, T. M. Sociolingüística - Parte I. *In*: MUSSALIM. F & BENTES. A. C. (Org). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p.21-47. v.1.

_____. Considerações sobre o campo da Sociolingüística. *In*: ALBANO, E. et al. *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras: 2003.

BENVENISTE. E. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da Lingüística. *In*: *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1976.

BENTES, A.C. *Linguagem como prática social: a elaboração de estilos de fala por jovens rappers brasileiros*. Relatório de Pós Doutorado. UNICAMP/FAPESP, Campinas, 2006.

BUCHOLTZ, M. "Why be normal?": Language and identity practices in a community of nerd girls. *In*: *Language in Society*. New York. Cambridge University Press, 1999. Vol. 27/1, p.123-139.

CAMACHO. R.G. Sociolingüística - Parte II. *In*: MUSSALIM. F; BENTES. A. C. (Org). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.49-75. v.1.

CLARK. H. *Arenas of language use*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
_____. Communities, Commonalities and Communication. *In*: GUMPERZ, J & LEVISON, S.C (Orgs). *Rethinking Linguistic Relativity*. Los Angeles: University of Cambridge Press, 1998.

CAMERIN, I.P.D. *Discurso cotidiano no CCA/IEL Unicamp*. Dissertação de mestrado. IEL/UNICAMP, 2005.

CAZELATO, S.E.O. *Interpretação de provérbios e equivalentes por afásicos*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 2003.

COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ECKERT, P & MC-CONNELL-GINET. S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. *In: Annual review of Anthropology*. s/l: s/ed., 1992. Vol. 27, p. 461-90.

ECKERT, P. (ay) goes to the city: exploring the expressive use of variation. *In* GUY G. R; FEAGIN C; SCHIFFRIN D; BAUGH J. (Orgs). *Towards a social science of language: papers in honor of William Labov, vol. I: Variation and change in language and society*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1996.

_____. *Linguistic Variation as Social Practice*. London: Blackwell, 2000.

ERICKSON, F. & SHULTZ. E. O “quando” em um contexto: questões e métodos na análise da competência social. *In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. M. Sociolingüística Interacional*, 2. ed. São Paulo :Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *Ethnography and Language*, 1981).

FREITAS, M. *Alterações fono-articulatórias das afasias motoras: um estudo lingüístico*. Tese de Doutorado. UNICAMP/IEL, 1997.

GARCEZ. P. M. Introdução. *In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. Sociolingüística Interacional*, 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GEE, J.P. Meaning making, communities of practice, and analytical toolkits. *In Journal of Sociolinguistics*, Vol 9/4, 2005. p. 590-97.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. *In: RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M. Sociolingüística Interacional*, 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *American Anthropologist*, 66 (6): 133-166, 1964)

_____. Footing. *In: RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M.(orgs.) Sociolingüística Interacional*, 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *Semiótica*, 25:1-29, 1979)

GUMPERZ, J. J *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. & HYMES, D.H. *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. N.Y: Mc Namara ed, 1972.

_____.& LEVISON, S.C (Orgs). *Rethinking Linguistic Relativity*. Los Angeles: University of Cambridge Press, 1998.

HANKS, W. *Language and communicative practices*. Boulder: Westview, 1996.

HOLMES, J. & MEYERHOFF, M. The community of practice: theories and methodologies in language and gender research. *In: Language in Society*. New York. Cambridge University Press, 1999. Vol. 27/1, p.173-185.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia, 1974.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*, Washington: Center for Applied Linguistics Press, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

KOCH, I.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993

MACEDO, H.O. *O processo de refacção textual na linguagem*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Atos de Referenciação face a face. *In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas*, (41): 37-54, Jul/Dez, 2001.

MONDADA & PEKAREK, S. *Interaction sociale et cognition située: quels modèles pour la recherche sur l'acquisition des langues?* AILE 12: 147-17, 2000.

MORATO, E. M. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. *In: Direito à fala. A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.

_____.Neurolingüística.*In: MUSSALIM. F & BENTES. A. C. (Org). Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ et al. *Sobre as afasias e os afásicos. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Ed. Unicamp, Campinas, 2002a.

_____ & Bentes, A. C. *Das intervenções de Bourdieu no campo da Lingüística: reflexões sobre competência e língua legítima*. Horizontes, São Paulo, v. 20, p. 31-48, 2002.

_____. O impasse internalismo x externalismo e suas influências sobre os estudos neurolingüísticos. In: *Veredas* (10): pp. 131-139, 2003.

_____. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIM, F. & BENTES A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. vol 3. São Paulo: Cortez, 2004.

_____ *et alli*. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)*. Relatório Processo FAPESP 03/02604-9. Depto de Lingüística – IEL/UNICAMP, Campinas, 2005a.

_____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: BENTES, A.C., KOCH, I.V. & MORATO, E. M. (orgs.) *Referenciação e discurso*, São Paulo, Cortez, 2005.

NOVAES-PINTO, R.C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias de análise clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 1999.

PATRICK, P.L. The Speech Community. In: CHAMBERS K; TRUDGILL; P; SCHILLING-ESTES N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2001.

RAPP, B. *The Hanbook of Cognitive Neuropsychology: what deficits reveal about the human mind*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

REISDORFER, I. M. S. Produção de parafasias lexicais e semânticas: reflexão a partir dos estudos sobre referenciação. In: *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*: São Carlos, 2006.

SACKS, H. SCHEGLOFF, E. A., JEFFERSON, G. (1974). A simplest systematics for the organization ok turn talking for conversation In: *Language*, 50: 696-735, 1974.

SALAZAR ORGIV, A. & HUDELOT, C. *Enchaînements, continuités et déplacements dialogiques chez le jeune enfant*. Verbum, v. XII, n.1, 1989.

SAVILLE-TROIKE. M. *The Ethnography of Communication*. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1989.

TANNEN. D. & WALLAT. C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M. *Sociolingüística Interacional*, 2. ed. São Paulo :Loyola, 2002. (Originalmente publicado em Social Psychology Quarterly, nº 50, 1987).

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TUBERO, A. L. *A construção conjunta de objetos de discurso: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos no processo de elaboração do livro: "Sobre as afasias e os afásicos"*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2006.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Anexo

Sistema de notação

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: â:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato, 2005a.